

HISTÓRIA CONCISA DO TERRORISMO

José Augusto do Vale Faria¹

«Os piores tempos da História Europeia situaram-se no séc. XIV, durante e depois da Guerra dos Cem Anos, no séc. XVII, no tempo da Guerra dos Trinta Anos, e na primeira metade do séc. XX. O séc. XXI pode vir a ser pior que qualquer destas épocas. (...) O novo século arrisca-se a ser dominado tanto pela anarquia como pela tecnologia. Os dois grandes destruidores da História podem reforçar-se mutuamente. E existe material em abundância, herdado dos séculos anteriores, sob a forma de fanatismos nacionalistas, ideológicos e religiosos para fornecer motivos para a destruição. (...) No passado, para ter a possibilidade de causar danos, um movimento ideológico tinha de ser suficientemente amplo para recrutar apoio suficiente que lhe permitisse ganhar autoridade. Contudo, daqui em diante, grupos comparativamente pequenos têm a capacidade de provocar o tipo de danos que dantes só os exércitos dos estados ou importantes movimentos revolucionários poderiam conseguir. Meia dúzia de fanáticos com uma «bomba suja» ou armamento de destruição massiva podem causar mortes numa escala não prevista»².

Robert Cooper

Perante um sistema político internacional caótico, difuso e acentuadamente multipolar, esta pequena reflexão sobre o terrorismo, visa sistematizar alguns conceitos operacionais, referir as diversas tipologias e uma breve evolução histórica do fenómeno, assim como, abordar as novas ameaças para a nossa segurança, protecção e defesa.

1. CONCEITOS OPERACIONAIS

Até hoje nenhuma definição de terrorismo foi consensual. Como afirma Bonanate, são inúmeras as definições de terrorismo, sendo «uma por cada autor que se ocupa do terrorismo»³. Entre o período de 1936 e o final dos anos 80 do século passado, encontramos cerca de 109 definições de terrorismo⁴. Deste modo o terrorismo coloca, desde logo, o problema da sua caracterização como fenómeno político, ao longo dos vários contextos culturais e históricos, e nesta perspectiva vamos definir conceitos operacionais para melhor o analisarmos.

Kofi Annan, Secretário-Geral das Nações Unidas, considerou ser um dever da Organização, estar na linha da frente na luta contra o terrorismo, com uma estratégia global, baseada em princípios, que a comunidade internacional possa apoiar e implementar, propondo para isso, cinco vectores que denominou os “cinco D”⁵:

- 1) Desencorajar os grupos descontentes de adoptarem o terrorismo como tática;
- 2) Denegar aos terroristas os meios de que necessitam para perpetrar os seus atentados;
- 3) Dissuadir os Estados de apoiarem os grupos terroristas;
- 4) Desenvolver a capacidade dos Estados no domínio da prevenção do terrorismo;
- 5) Defender os direitos humanos e o primado do direito internacional.

No entanto, a prática do "terror" pode visar finalidades políticas muito distintas: a subversão do sistema político (como sucedeu com as Brigadas em Itália, ou com o Baader Meinhof na Alemanha), a destruição de movimentos cívicos ou democráticos (como sucedeu com a Aliança Anticomunista da Argentina e, em certa medida, com os esquadrões da morte brasileiros), o separatismo basco da *Euskadi Ta Askatsuna* (Pátria Basca e Liberdade, daqui em diante ETA) em Espanha, e do *Irish Republican Army* (Exército Republicano Irlandês, daqui em diante IRA) na Irlanda, ou a afirmação de convicções religiosas, como sucede com alguns movimentos fundamentalistas.

Em Portugal, o artigo 2º da Lei nº 52/2003, de 22 de Agosto – Lei de Combate ao Terrorismo (em cumprimento da Decisão Quadro n.º 2002/475/JAI, do Conselho, de 13 de Junho) qualifica como grupo, organização ou associação terrorista "todo o agrupamento de duas ou mais pessoas que, actuando concertadamente, visem prejudicar a integridade ou a independência nacionais, impedir, alterar ou subverter o funcionamento das instituições do Estado previstas na Constituição, forçar a autoridade pública a praticar um acto, a abster-se de o praticar ou a tolerar que se pratique, ou ainda a intimidar certas pessoas, grupos de pessoas ou a população em geral", mediante a prática de certos crimes (contra a vida, contra a segurança dos transportes e comunicações, sabotagem, etc.). Como é evidente, incrimina-se não apenas a constituição ou participação em organizações terroristas, mas também a prática de actos de terrorismo. E a gravidade do terrorismo para a segurança interna dos Estados democráticos, levou mesmo à aprovação de uma Convenção Europeia para a Repressão do Terrorismo, aprovada para ratificação pela Lei nº 19/81, de 18 de Agosto.

Vejamos, agora, algumas definições de terrorismo:

Na **União Europeia**⁶, segundo a Decisão-quadro do Conselho da UE, de 13 de Junho de 2002, relativa à luta contra o terrorismo, “serão consideradas infracções terroristas os actos intencionais (...) que, pela sua natureza ou pelo contexto em que foram cometidos, sejam susceptíveis de afectar gravemente um país ou uma organização internacional, quando o seu autor os pratique com os seguintes objectivos: intimidar gravemente uma população; ou constranger indevidamente os poderes públicos, ou uma organização internacional, a praticar ou a abster-se de praticar qualquer acto; ou desestabilizar gravemente ou destruir as estruturas fundamentais políticas, constitucionais, económicas ou sociais de um país, ou de uma organização internacional”.

Particularizando as acções consideradas terroristas: “as ofensas contra a vida de uma pessoa que possam causar a morte; as ofensas graves à integridade física de uma pessoa; o rapto ou a tomada de reféns; o facto de provocar destruições maciças em instalações governamentais ou públicas, nos sistemas de transporte, nas infra-estruturas, incluindo os sistemas informáticos, em plataformas fixas situadas na plataforma continental, nos locais públicos ou em propriedades privadas, susceptíveis de pôr em perigo vidas humanas, ou de provocar prejuízos económicos consideráveis; a captura de aeronaves e de navios ou de outros meios de transporte colectivos de passageiros ou de mercadorias; o fabrico, a posse, a aquisição, o transporte, o fornecimento ou a utilização de armas de fogo, de explosivos, de armas nucleares, biológicas e químicas, assim como a investigação e o desenvolvimento de armas biológicas e químicas; a libertação de substâncias perigosas, ou a provocação de incêndios, inundações ou explosões, que tenham por efeito pôr em perigo vidas humanas; a perturbação ou a interrupção do abastecimento de água, electricidade ou de qualquer outro recurso natural fundamental, que tenham por efeito pôr em perigo vidas humanas; a ameaça de praticar um dos comportamentos anteriormente enumerados”.

Os **Estados Unidos da América**⁷ (EUA), através do Departamento de Estado – Office of Counterterrorism⁸, elaboraram em 11 de Outubro de 2005, uma lista de organizações terroristas que contempla exclusivamente movimentos estrangeiros, os quais praticam alguma das seguintes actividades: “Actos de pirataria ou sabotagem de qualquer meio de transporte (incluindo aeronaves, embarcações ou veículos); o sequestro ou detenção, e ameaça de matar, ferir, ou de cativo prolongado, a qualquer indivíduo, com a finalidade de obrigar terceiros (incluindo organizações governamentais) a praticar ou abster-se de praticar qualquer acção como condição implícita ou explícita para a libertação do indivíduo detido ou sequestrado; um ataque violento contra personalidades internacionalmente protegidas ou contra a sua liberdade; um assassinato; a utilização de qualquer agente

biológico, químico, ou arma ou engenho nuclear, ou explosivos ou armas de fogo com o intuito de pôr em perigo, directa ou indirectamente, a segurança de um ou mais indivíduos ou para causar estragos consideráveis à propriedade alheia; a ameaça, tentativa ou conspiração para fazer qualquer das anteriores”.

Por sua vez, a “actividade terrorista” envolve um certo número de acções: “a preparação ou planeamento de actividades terroristas; a recolha de informação sobre potenciais alvos de actividades terroristas; a disponibilização de apoio material, incluindo residência segura, transporte, comunicações, fundos, documentação falsa, armas, explosivos ou treino, a qualquer indivíduo que uma pessoa saiba, ou tenha razão para desconfiar, ter cometido ou planejar cometer qualquer actividade terrorista; a angariação de fundos ou outros valores destinados a actividades terroristas ou organizações terroristas; o aliciamento de membros para organizações terroristas, governos terroristas ou para a prática de actividades terroristas”.

Do ponto de vista do **Médio Oriente**, ou do “mundo árabe e islâmico” em geral, a maioria das acções às quais a palavra terrorismo é aplicada, pelo menos no ocidente, são “táticas dos fracos... contra os fortes”⁹. Gustavo de Arístegui, refere no seu livro “La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al Andalus” que quando se releva o carácter puramente espiritual da *jihad*, está-se a confundir a opinião pública, porque esta não conhece a complexidade do Islão. Além disso, supõe uma grande irresponsabilidade, porque na realidade, os terroristas jihadistas, justificam a sua barbárie, alegando que a violência extrema que praticam é consequência da declaração de guerra santa contra o Ocidente, a quem acusam de ter entrado numa nova fase de *jahiliya* ou ignorância religiosa, só comparável à dos “pagãos de Meca”, ferozes inimigos do profeta Maomé. Isto por si só explicaria a brutalidade e a violência cruel praticada pelo terrorismo jihadista, porquanto, estão empenhados numa guerra santa contra pagãos, hipócritas, infiéis e apóstatas, que devem ser eliminados para prevalecer o Islão¹⁰.

Nesta perspectiva, entende-se que o facto de ainda não se ter conseguido chegar a uma definição ou conceito de terrorismo, comumente aceite pela comunidade internacional, resulta mais da existência de conflitos entre os interesses e desígnios de cada Estado do que da própria complexidade em si. Esta realidade ficou clara na Cimeira Euro-Mediterrânica de Barcelona, realizada em Novembro de 2005, dez anos após a anterior cimeira com os mesmos países, onde mais uma vez não foi possível haver consenso em torno de uma definição de terrorismo¹¹.

2. TIPOLOGIAS DO TERRORISMO

O terrorismo pode assumir dois aspectos: o selectivo e o sistemático¹². Enquanto o primeiro tem por alvos, determinadas entidades e certos objectivos ou grupos específicos de entidades e objectivos, previamente seleccionados, em função da influência que a sua eliminação possa ter para o objectivo do grupo terrorista; o segundo engloba todas as pessoas e objectivos, sem distinções, actuando em intensidade crescente e em amplitude cada vez maior.

Entre as várias vertentes, sobressai um denominador comum: o terrorismo caracteriza-se pelo recurso sistemático à violência contra pessoas e bens, visando criar na sociedade sentimentos colectivos de medo e de insegurança, como constatamos diariamente no Iraque, Argélia, Paquistão e Afeganistão.

Como existem inúmeras definições de terrorismo, também as suas tipologias variam de autor para autor, pelo que de acordo com o Curso Elementar de Terrorismo Internacional, ministrado no Comando Geral da GNR, em Maio de 2004 e o *Council on Foreign Relations*¹³, consideramos a seguinte tipologia de terrorismo:

- a) **Nacionalistas** – lutam pela independência de um território. O separatismo é o seu principal objectivo, tendo como suporte fundamental o passado histórico-político e, por vezes, motivações ideológicas e até religiosas.
- b) **Religiosos** – utilizam a violência em defesa da fé. A filosofia da religião transforma-se em praxis política. Algumas religiões aprovam a violência e utilizam motivações religiosas para justificar as suas acções violentas, contra uma categoria ilimitada de objectivos, tais como, qualquer pessoa que não seja membro da religião dos terroristas ou seita religiosa.
- c) **Patrocinados pelo Estado** – grupos usados deliberadamente por Estados, como ferramentas da sua política externa, ou seja, são “uma forma barata de intervir” em conflitos, através de acções de cidadãos não nacionais ou mercenários”.
- d) **Terrorismos de esquerda** – são responsáveis pela maioria dos atentados realizados. Muitos movimentos legítimos são ou foram subvertidos pelo sistema revolucionário que pretende aglutinar a causa marxista. A violência preconizada pela doutrina revolucionária marxista é muito apeladora a grupos terroristas e outros propensos à conquista do poder.
- e) **Terrorismos de direita** – a maioria intervém no próprio país e quase nunca se intrometem em questões externas, a não ser que o seu país seja ameaçado. Tentam manter o *status quo* e evitar influências contrárias aos seus desígnios e interesses.

f) Terrorismos anarquistas – o objectivo dos anarquistas é uma sociedade sem Estado. Geralmente apatridários, procuram, suportes ideológicos que justifiquem as suas acções, sendo geralmente o marxismo a matriz ideal para este propósito.

3. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TERRORISMO

A violência rebelde, quer dizer, utilizada, não com fim lucrativo, mas para derrubar uma ordem político-social considerada execrável, foi louvada por um grande número de eminentes escritores. A justificação dessa “revolta” contra um poder vigente, desde que encarado como uma forma despótica do mesmo, poderá ser encontrada já nos escritos da filosofia clássica, pois, tanto Platão (429-347 a.C.) como Aristóteles (384-322 a.C.) viram na tirania uma certa perversão e a pior forma de Governo possível, ou seja, a pior forma de degenerescência de um Governo liderado por homens – a tônica desta contestação assenta na forma ilegítima do exercício de poder. Um tirano é, portanto, alguém que captura e detém o poder sem qualquer tipo de legitimidade. A sua morte representa o final da sua falta de legitimidade e o princípio de uma ordem legal. O assassinato do tirano, ou tiranicídio, foi uma possibilidade teórica e prática no pensamento clássico. Efectivamente, o assassínio político surge com o aparecimento da autoridade política, a partir do momento em que se apercebe que a morte do líder é método expedito e eficaz para a mudança política. O tiranicídio tomou-se parte do *ethos* político do mundo clássico¹⁴.

Cícero retomou e embelezou a doutrina do bem gerado pelo sangue, doutrina levada até ao extremo pelos prosélitos conquistadores de religiões, especialmente os pregadores cristãos das Cruzadas e os soldados de Maomé. A estirpe continua com os perseguidores de heréticos, tais como São Domingos, cujos ensinamentos conduzem a Torquemada. A seguir, o facho desta tradição, que vê na violência uma força purificadora, passa aos revolucionários de 1789, particularmente a Saint-Just que fará nascer a virtude da guilhotina, e também a Babeuf e Blanqui, apóstolos da insurreição armada. Posteriormente, Hegel, fascinado pelo traumatismo histórico de 1793, explicará que a violência é a forja necessária das sínteses ciclópicas da História. O único fogo capaz de soldar metais contrários, o que Karl Marx traduzirá pela célebre fórmula: «A violência é a parteira das sociedades». Nietzsche dará ao seu super-homem o direito de utilizar a violência que «é a única coisa que enforma o que é duro». A partir daí, os apologistas do ferro e do fogo pululam. Georges Sorel consagra-lhe um livro de elogios célebre. O filósofo italiano Pareto reforça, escrevendo que a violência triunfante é o único título de legitimidade de um poder de elites. Netchaiev e os niilistas russos fazem da violência a sua religião. Os sindicalistas

revolucionários e os anárquicos exaltam-na em inúmeros panfletos. Trotsky, retomando Sorel, teorizará que ela é a única força criadora da História. Lenine faz a apologia da ditadura do proletariado, «luta encarniçada, sangrenta e não sangrenta, violenta e pacífica, contra as forças do velho mundo». Hoje em dia, publicam-se centenas de textos de ideólogos de todos os quadrantes, principalmente no espaço virtual, tendentes a demonstrar que nada de belo nem grande, nasce entre os homens, sem a violência¹⁵.

Nova Iorque, Bali, Filipinas, Moscovo, Madrid, Londres, Bagdade e Argel, foram palcos recentes do terrorismo internacional, de matriz *jihadista* salafista, que irrompe em acções esporádicas e com elevado poder destruidor. Transformado e à imagem do Mundo em que evoluiu, o terrorismo também tem uma história, tão antiga como a do próprio homem, em que se destaca o próprio poder estabelecido, como o agente mais letal nas acções terroristas, contra nações inimigas, ou contra o próprio povo, como forma de repressão.

O terrorismo é de sempre, desde que existem sociedades organizadas que conflituam. O denominado Terrorismo de Estado, apresenta profundas raízes históricas e tem vindo a manifestar-se até à actualidade, apesar de nenhum poder estabelecido reconhecer oficialmente a utilização de acções terroristas como recurso estratégico. O tema é, sem dúvida, polémico, pois é mais fácil atribuir ou reconhecer o acto terrorista num indivíduo ou organização clandestina¹⁶.

3.1 Antiguidade Clássica

O Império Romano, utilizava tácticas de terrorismo contra os povos dominados, com a finalidade de baixar o moral e enfraquecer a resistência das tropas inimigas – as guerras punitivas, que evoluíram para a guerra destrutiva. Entre os actos inomináveis praticados pelas legiões romanas estavam os estupros e saques, que serviam de recompensa aos soldados. O final das Guerras Púnicas, com a implacável destruição de Cartago pelos Romanos, que vitimou crianças, mulheres e idosos, constituiu uma forma de utilização da táctica do terror cujo objectivo seria aniquilar o inimigo que, por tanto tempo, ousou desafiar o poder de Roma. Este procedimento foi muito comum na Idade Antiga, sendo observado na Grécia, no Império Egípcio e nas Civilizações da Mesopotâmia¹⁷.

Os *sicarii*, ou *sicários*, são considerados, por quase todos os historiadores do terrorismo, como um dos primeiros exemplos conhecidos de um movimento terrorista – eram uma seita altamente organizada de judeus fanáticos, de classe baixa, que lutavam contra a ocupação romana (ao lado dos zelotas, dos escariotes e dos cananeus) na Palestina dos

primeiros anos da nossa Era. Tinham como arma favorita um punhal curto, a *sica* - daí a denominação, que facilmente escondiam debaixo das túnicas e, usavam como *modus operandi*, o ataque em plena luz do dia, de preferência em dias festivos, quando o acervo da multidão aumentava em Jerusalém¹⁸.

A partir do século VII, a expansão do Islão, partindo do Califado de Medina, quando o poder temporal e espiritual estavam unificados sob uma só autoridade, invocou os princípios da guerra santa ou *jihad*¹⁹, para converter os infiéis à nova fé²⁰. É neste contexto que surge a mais antiga organização conhecida que se dedicava a actos terroristas, nomeadamente, à eliminação física de adversários, a «**seita**» dos **assassinos**, *Hashshashin*. Numa mistura similar de esperança messiânica, terrorismo político e de proselitismo grupal, os *Hashshashin*, foram uma seita que despontou de um ramo ismaelita no século XI, entre a Síria e a Pérsia. Considerados, muitas vezes, como os predecessores da Jihad Islâmica (iniciada nos anos 80 contra a ocupação americana do Médio Oriente), os Assassinos aterrorizaram o imaginário da população da região, assassinando governadores, califas e alguns cristãos. Durante muito tempo, historiadores hesitaram em explicar a origem da denominação da seita. Hoje é consensual admitir que etimologicamente a palavra advém do árabe *hashish*, «*e sugeriu que as variantes assassini, assissini, heyssissini, etc., presentes nas fontes dos cruzados se baseavam nas formas árabes alternativas hashishi e hashash (plurais coloquiais, hashishyyin e hashshashin). Nome proveniente dum possível utilização do haxixe por parte dos chefes das seitas, para darem aos seus emissários uma amostra do Paraíso que os aguardava após a conclusão, com êxito, das suas missões*»²¹. Esta comunidade foi destruída pelos mongóis e mamelucos, respectivamente em 1256 e 1273²². Os sobreviventes deram origem, na época, aos Nizari e à «*comunidade de assassinos, síria*»²³.

Os Sicários e os Assassinos constituem os dois exemplos clássicos, de uma organização terrorista, sendo o terrorismo praticado pelos Assassinos, considerado muito mais próximo do terrorismo moderno do que do tiranicídio²⁴.

3.2 Idade Média e Descobrimentos

A Idade Média também foi pródiga em actos de terror, desencadeados principalmente pelo fundamentalismo religioso, cristão e muçulmano, como o demonstram as cruzadas, cujas principais vítimas foram as populações civis das cidades conquistadas e reconquistadas. A intolerância religiosa foi desde sempre, uma grande motivação para incrementar acções

terroristas do poder estabelecido, seja de um Estado teocrático e pseudo-teocrático ou da própria instituição religiosa, sendo a Santa Inquisição um exemplo paradigmático do terror medieval. O poder unilateral da igreja impunha os seus dogmas e preceitos sem limites²⁵.

A conquista da América, desencadeada pelos países ibéricos desde o século XVI, ficou marcada pelo genocídio dos povos indígenas do Novo Mundo. A transferência da riqueza da América para a Europa incentivou o dealbar da pirataria no Atlântico, onde foram utilizadas tácticas pelos piratas que *grosso modo*, tinham afinidades com o *modus operandi* dos terroristas modernos. O principal objectivo era pilhar os galeões espanhóis que carregavam ouro e prata extraídos das colónias. Deste modo, arrasavam vilas e cidades das colónias portuguesas e espanholas, locais de embarque da preciosa carga²⁶.

As guerras religiosas, as guerras civis e as guerras de «opinião», têm um ponto em comum: implicam as populações civis. As guerras religiosas que atingiram a Europa durante o século XV distinguiram-se das guerras «cavaleirescas» pela sua violência e sobretudo pela falta de «discriminação», que fez com que os não-combatentes, contrariamente a todos os preceitos da «guerra justa» estabelecida pela Igreja, fossem alvos privilegiados – o massacre de populações tornou-se uma arma estratégica. Esta realidade viria a terminar com a Paz de Vestefália²⁷ que marcou o fim das guerras religiosas e das campanhas de terror que as acompanharam.²⁸

3.2 Idade Contemporânea

A palavra “terrorismo” foi utilizada pela primeira vez durante a Revolução Francesa, para denominar a ditadura jacobina entre Março de 1793 e Julho de 1794 – período charneira na história do terrorismo. Este termo designava, curiosamente, não a forma de luta de uma minoria contra um Estado, mas um regime de terror, também chamado genericamente de terrorismo de estado, de um Estado Revolucionário. Naquela época, a expressão era tida como positiva, pois simbolizava o esforço para consolidar o poder do novo Governo Revolucionário. O regime do terror²⁹ foi aplicado como um meio para restabelecer a ordem, num período de anarquia e confusão que se seguiu à revolução de 1789. Desta forma ocorreram perseguições e execuções de forma frequente e arbitrária. O terror foi considerado como um instrumento legal de governação³⁰.

A táctica de guerrilha³¹ surgiu, sobretudo nos parâmetros modernos, após a Revolução francesa, durante as guerras napoleónicas, como um movimento de resistência ao domínio francês. Os “ataques de surpresa”³² contra o exército de Napoleão, com posterior recuo,

ocorreram com maior relevância em Espanha, denominando-se de pequenas guerras ou guerrilhas. Para combater os ataques das guerrilhas, as forças armadas do poder estabelecido recorriam frequentemente a táticas de terror como tortura e execução sumária dos não combatentes, acusados de dar apoio aos guerrilheiros. Este cenário proporcionava uma acção de retaliação da guerrilha, utilizando os mesmos métodos, aproximando-se, assim, das acções terroristas³³.

3.2.1 Movimento Anarquista

Nos finais do século XVIII, o terrorismo sistemático recebeu um grande impulso com a propagação de ideologias e nacionalismos seculares posteriores à Revolução Francesa.

Com o advento da revolução industrial, surgiram mudanças sociais e políticas na Europa que potenciaram o surgimento de novas ideologias, por vezes de forma violenta e recorrendo ao terrorismo. Os terroristas do fim do século XIX foram influenciados pela tradição romântica, da mesma maneira que Robespierre foi o herdeiro das luzes, desenvolvendo-se este terrorismo, num contexto geopolítico e geoestratégico muito particular. Foi um século violento com numerosas vagas revolucionárias, onde a guerra passou a ser um fenómeno de massas que não eram apenas responsabilidade dos chefes de Estado e dos exércitos, mas das sociedades inteiras. No plano geopolítico, o século XIX marca o desmoronamento progressivo da ordem Vestefaliana, do equilíbrio das potências e, sobretudo, o desmembramento de muitos impérios históricos. É também a época das reivindicações nacionais³⁴.

A doutrina anarquista³⁵ surgiu na segunda metade do século XIX, período propício ao advento de doutrinas revolucionárias, tendo a concepção moderna do terrorismo como instrumento político, surgido das actividades de anarquistas violentos, destacando-se o alemão Karl Peter Heinzen (22/02/1809 - 12/11/1880), autor de *Der Mord* (O Assassinato), livro no qual é sugerida a utilização de engenhos explosivos, veneno, mísseis (os foguetes de Congréve daquela época), assim como a aliança dos revolucionários com o submundo da delinquência e o empenhamento de fanáticos, decididos a sacrificar-se pela causa. Os escritos de Heinzen fizeram escola, inspiraram os anarquistas russos Mikhail Bakunin³⁶ e Piotr Kropotkin, bem como as façanhas de terroristas que, mais tarde, se notabilizaram, como a russa Vera Zasulitch, o milionário milanês Giangiacomo Feltrinelli e o venezuelano Carlos³⁷, o Chacal.

Em finais do século XIX, as bombas dos movimentos anarquistas – ao mesmo tempo que apregoam a liberdade absoluta e a rejeição radical de todo o poder instituído – eliminam

vários dirigentes políticos como, o czar Alexandre II, a imperatriz austro-húngara Isabel e o rei Humberto I da Itália. Pela primeira vez, a motivação do terrorismo não é religiosa, porque os anarquistas não crêem em Deus nem no Diabo³⁸, mas sim, numa teoria libertária baseada na ausência do Estado e, contra qualquer tipo de hierarquia que não seja livremente aceite. Apenas quatro meses após o assassinato do czar, um grupo de anarquistas radicais organizou uma conferência em que foram aplaudidos os feitos do Narodnaya Volya (a vontade do povo ou liberdade do povo, era um pequeno grupo de constitucionalistas russos, fundado em 1878 que tinha como objectivo o derrube do regime czarista). Nesta conferência ficou decidido o estabelecimento de uma “**Internacional Anarquista**” também denominada de “**Internacional Negra**”. Esta ideia não conseguiu atingir os seus propósitos iniciais de levar a anarquia a todo o mundo, no entanto alcançou alguns resultados notáveis do ponto de vista da actuação terrorista³⁹:

1. Criou o medo, em vários países do mundo, de que o surgimento de um movimento anarquista global destruísse as estruturas de poder instituídas;
2. Do ponto de vista tático, as operações eram planeadas e executadas por um único indivíduo ou por pequenas células, que actuavam isoladamente umas das outras, dificultando à polícia a sua detecção;
3. Os anarquistas foram responsáveis nesta época pelo assassinato de vários chefes de Estado e executaram um número significativo de atentados à bomba, desde 1878 até à segunda década do século XX;
4. Uma grande parte da doutrina terrorista, que mesmo nos nossos dias está disponível em livros ou na Internet, teve início com os primeiros manuais terroristas escritos por estas organizações terroristas.

Este exemplo de propaganda política foi bastante marcante e inspirou outras organizações subversivas, tendo continuidade durante o século XX, desbravando o caminho para as duas revoluções que ocorreram em 1905 e 1917 na Rússia. Posteriormente, os trabalhos de Lenine, Trotski e outros revolucionários russos, deram suporte à doutrina tática e ideológica cuja influência ainda se faz sentir nos dias de hoje. Tal como sucedera na Revolução Francesa, o terrorismo de Estado passou a controlar a vontade do povo, tendo esta praxis, sido determinante no terrorismo territorializado ao longo do século XX, em todo o mundo, principalmente sob a influência e controlo soviético.

O terrorista é nobre, terrível, irresistivelmente fascinante, porque reúne duas características nobres de grandeza humana: o mártir e o herói. Desde o dia em que jura, com todo o seu coração, libertar o povo e o país, ele sabe que está consagrado à morte.

Avança destemidamente na sua direcção e pode morrer sem vacilar, não como um velho cristão, mas como um guerreiro acostumado a olhar para a morte nos olhos. Orgulhoso como Satanás quando se revoltou contra Deus, opôs a sua própria vontade à daquele homem que sozinho, numa nação de escravos, reclamou o direito a ter uma vontade própria... O terrorista é imortal. Os seus membros podem falhar, mas, como por magia, voltam a ter o seu vigor, e ele fica de pé, pronto para batalha atrás de batalha até derrotar o inimigo e libertar o país. E vê o inimigo a esmorecer, a ficar confuso, a agarrar-se desesperado aos meios mais primitivos, que servem apenas para acelerar seu fim.

Serge Stepnik-Kravchinski, Underground Russia⁴⁰ (1883)

Na década de 1930, a ideia inicial de terrorismo de Estado, gerada pela Revolução Francesa, estava a ser difundida. Desta forma, a origem dos actos, não estava associada à violência exercida por movimentos revolucionários, contra governos ou chefes de Estado, mas descrevia a repressão exercida, por Estados totalitários e os seus líderes despóticos, contra os seus próprios cidadãos. O terrorismo de Estado passou assim a estar associado ao fascismo em Itália, ao nazismo na Alemanha e ao movimento Estalinista na União Soviética⁴¹.

3.2.2 Movimento Sionista e a criação do Estado de Israel

A possibilidade de o nacionalismo gerar um terrorismo bidireccionado é comprovado pela história do sionismo⁴² na Palestina. A ideia sionista, o «regresso» da diáspora judaica a Israel, incluía os objectivos centrais do nacionalismo do século XIX: a auto-realização espiritual da nação «cultural» e a sua segurança física contra ameaças externas. Após o fim da Primeira Guerra Mundial e a consequente queda do Império Turco-Otomano, a antiga província da Palestina passou a ser administrada pela Grã-Bretanha, que na Declaração de Balfour de 1917, se empenhou no «estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judaico», sem compreender todas as implicações desses objectivos, nem a dificuldade de os concretizar.

A segurança judaica seria conseguida, por uma de duas formas: através da aproximação à população árabe ou da sua neutralização. Uma minoria de sionistas (sobretudo o pequeno grupo britânico Brit Shalom) seguiu a primeira via; outra minoria (os «Revisionistas» de Jabotinsky) insistiu que os judeus estivessem preparados para lutar pelo seu estado. A maioria simplesmente esperou pelo melhor. A acção judaica terrorista/militar começou no fim da Segunda Guerra Mundial, com o assassínio de Lord Moyne pelo *Stern Gang*, uma subdivisão do movimento revisionista. Mas embora as campanhas do *Irgun Zvai Leumi* (IZL – organização paramilitar sionista que operou na Palestina, entre 1931 e 1948) e do

Lehi (Lohamei Heruth Israel – Combatentes pela Liberdade de Israel) sejam apelidadas de terroristas – e na verdade, são apresentadas como exemplos clássicos, da eficácia do terrorismo em certas circunstâncias – temos de assinalar que, à excepção de um pequeno número de operações espectaculares, (o ataque bombista em Jerusalém, ao hotel King David, em Julho de 1946, foi o maior de todos, constituindo um acontecimento mediático que captou a atenção dos media internacionais) os seus alvos eram precisos e sobretudo militares. Antes da sua primeira e mais célebre operação, o assassinio de Lord Moyne em 1944, o *Lehi* aceitou a designação e defendeu o seguinte: «o terror faz, para nós, parte da guerra política contemporânea»⁴³.

A formação do Estado de Israel e o problema palestino originaram migrações das populações árabes, para os países limítrofes e fortaleceram as tensões no Médio Oriente. Esta situação levou à criação, em 1956, da *Al-Fatha* que posteriormente, em 1964, na cidade de Jerusalém, deu origem à Organização para a Libertação da Palestina (daqui em diante OLP), cuja campanha subsequente, é incompreensível, sem um entendimento dos resultados sinistros, quando o estado judeu, alargou substancialmente a sua quota de terra da Palestina (atribuída por uma Comissão Especial da Organização das Nações Unidas) e o estado árabe palestino, caiu. Isto reflecte o mito da fundação do estado de Israel, que ao ser atacado por uma combinação esmagadora de estados árabes, gerou um cenário de vida ou morte e motivou a luta pela sobrevivência, onde os habitantes árabes da Palestina constituíram “alvos legítimos”. E embora houvesse uma razão militar para ocupar aldeias, como Deir Yassin, não houve nenhuma para o massacre dos seus habitantes (conhecidos por não serem resistentes), à excepção da convicção de que, qualquer árabe era uma ameaça. Se isto fosse de facto uma guerra, estes eram crimes de guerra. Mas eram mais do que isso: eram um sistema. O ataque a Deir Yassin, em 09 de Abril de 1948, foi perpetrado por membros do *Irgun* e do *Lehi*, (sendo repudiado pelos líderes oficiais sionistas) mas depois da inclusão de antigos terroristas (dissidentes na língua oficial) na *Haganah* (organização paramilitar sionista, formada na década de 20 que lutava contra os palestinos e a ocupação britânica na Palestina), criando um novo exército israelita (por força das ameaças externas), a limpeza violenta das comunidades árabes continuou. Uma das pessoas expulsas foi o cristão, George Habash, de Lydda, tendo a transmissão de terror produzido uma vaga crescente de refugiados - as vítimas permanentes do *al-Nakbah*, o “desastre”⁴⁴.

O terrorismo judaico, provou ser mais forte do que os seus opositores-chave, tendo como corolário, o dia 14 de Maio de 1948, no qual David Ben-Gurion assinou a Declaração de Independência do Estado de Israel. Mas este resultado foi de facto raro, como o ilustram as campanhas da OLP e da mais radical Frente Popular para a Libertação da Palestina (daqui em diante FPLP) que foram muito mais longas, do que as do *Irgun* e do *Lehi*, mas muito menos bem sucedidas.

3.2.3 Guerrilha rural e Terrorismo urbano na América Latina

Na América Latina, o movimento subversivo teve o seu apogeu e desenvolvimento, na segunda metade do séc. XX, quando a sociedade urbana passou a ter maior densidade populacional do que o mundo rural, constituindo um factor de grande importância, para a transição da guerrilha rural para a “guerra de guerrilha urbana”. Os seus principais teóricos e protagonistas, foram o argentino Che Guevara (que a revista norte-americana *Time*⁴⁵, incluiu na sua lista das 100 personalidades mais importantes do século XX) e o brasileiro Carlos Marighella.

Che Guevara conhecia bem as realidades da América do Sul, à qual pretendia impor uma nova ordem pela violência. Numa primeira fase, entre 1951 e 1955, percorreu a Colômbia, a Venezuela, a Argentina, a Bolívia e a Guatemala, sendo sucessivamente, expulso destes países, devido às suas tentativas de subversão. Em 1955, durante o seu périplo, conheceu **Fidel Castro**, então exilado no México, vindo a auxiliá-lo na preparação do processo revolucionário cubano. Numa segunda fase, Guevara pôs em prática a sua visão para «incendiar» a América Latina, iniciando uma guerrilha rural na Venezuela, mas também fracassou. Ainda nos anos 60, escolheu a Bolívia como “laboratório” para a sua experiência revolucionária, contudo, a sua acção voltou a não ter sucesso e ali veio a morrer, convertendo-se desde então, num ídolo à escala planetária que uma fotografia de Alberto Diaz Gutiérrez, conhecido profissionalmente como Alberto Korda, divulgada pela Revista *Paris Match* em 1967, transformou em ícone revolucionário⁴⁶. A doutrina de Guevara e de Fidel Castro, após o triunfo da Revolução Cubana, teve muitos admiradores na América Latina, contudo, após o seu desaparecimento, enfraqueceu, temporariamente, mas apesar de tudo, alguns aspectos essenciais da sua doutrina continuaram a ser seguidos, até hoje, por movimentos, com diferentes motivações⁴⁷.

Uma das doutrinas com maior relevo, no âmbito da guerrilha, aplicada na América Latina, em particular por Fidel Castro e Che Guevara, foi a denominada **doutrina dos «focos»**,

testada por Guevara na Bolívia, por considerar este país, um laboratório ideal para a aplicação desta teoria e que «os Andes⁴⁸ deviam ser a *Sierra Maestra* da América». Contudo, a guerrilha rural guevarista, após fracassar na Venezuela, falhou também na Bolívia, inviabilizando assim, o efeito detonador e multiplicador no cone sul. Relativamente à Revolução Cubana, Guevara destaca três lições fundamentais na sua obra, *La Guerra de Guerrillas*⁴⁹:

- As forças populares podem ganhar uma guerra contra um exército, contudo, não é necessário esperar, até estarem reunidas todas as condições para fazer a revolução;
- Numa América Latina subdesenvolvida, a insurreição poderia criar as condições para se desenvolver à *posterior*;
- Defendia o meio rural, como o espaço fundamental para o combate armado. Guevara referia ainda que, numa primeira fase, deveriam nascer os «focos» insurreccionais rurais e móveis, e estes, por sua vez, deveriam dar origem a «clones», que se multiplicariam noutros espaços.

Esta obra contém múltiplos conselhos de combate, aspectos táticos, o planeamento de actos de sabotagem, a instalação da indústria de guerra nas zonas libertadas, a condução da propaganda, o estabelecimento de redes de informações e a organização civil do movimento insurreccional. Além disto, Guevara define as três fases da luta de guerrilha⁵⁰:

- Primeiro, a «defesa tática», quando a guerrilha é inferior ao inimigo e pode ser «caçada», está, assim, perante uma situação crítica e colocam-se três condições essenciais para a sua sobrevivência, sendo elas a constante mobilidade, a vigilância e a acção (condições já conhecidas muito antes de Guevara).
- Na segunda fase, quando existe um equilíbrio de forças, aplica-se a guerra de guerrilha em larga escala, a «guerrilha móvel».
- Na terceira e última fase, o exército popular consolida-se, ganha superioridade e toma as grandes cidades.

Para Guevara, a guerrilha deveria ser a guarda avançada da revolução e constituir-se posteriormente numa entidade político-militar, pois entendia que não era necessário esperar que todas as condições estivessem reunidas para a eclosão da revolução. Partia do princípio, de que do «exército do povo» deveria nascer o partido, e não o inverso. Considerava que a insurreição armada não era a fase final do processo revolucionário, mas pelo contrário, o conflito armado poderia dar um ímpeto decisivo à campanha política. Numa primeira fase, surgiriam os focos insurreccionais rurais e móveis, que por sua vez deveriam originar «clones» que se multiplicariam noutros espaços, considerando a acção

urbana acessória. Os fundamentos desta doutrina eram opostos aos ensinamentos da tradição marxista-leninista e do maoísmo, porquanto estes consideravam, o partido político a força liderante e colocavam ênfase na ideologia e na doutrinação. No conceito de Castro e Guevara, o partido político não desempenhou um papel central e não era dada ênfase à educação política nem à ideologia. Ambos acreditavam que a vanguarda do partido não criaria um exército popular, e que seria o exército popular a criar uma vanguarda política, em que a luta deveria ter um papel reformador social, um dos aspectos que a distingue do banditismo. Defendia grupos de combatentes internacionalistas, principalmente cubanos, os quais seriam constituídos por jovens revolucionários, saídos principalmente dos meios urbanos (estudantes), o que não resultou, porque o inconveniente desta teoria, confirmada na prática, ficou a dever-se ao desconhecimento das idiossincrasias do meio rural e das próprias línguas índias⁵¹.

As ideias de Guevara, relativamente ao factor psicológico, invocam uma terminologia «religiosa», considerando o revolucionário que prepara a guerra, clandestinamente, um asceta. Colocava uma grande ênfase na honra, na coragem e na morte, pois o sacrifício deveria servir de semente para uma nova sociedade. Na propaganda, foram utilizados todos os argumentos, tais como, as desigualdades sociais, o subdesenvolvimento, as aspirações colectivas, assim como, entendia que as manifestações, greves e motins, poderiam ser utilizados como auxiliares do processo revolucionário. O espírito revolucionário que perdurou, entre 1960 e 1968, deu lugar a mútuas recriminações entre os teóricos mais tradicionalistas e os defensores da doutrina do «foco» guerrilheiro. Após 1968, perderam-se todas as esperanças de conquistar o poder na América Latina, através deste último método, e Cuba iniciou a aproximação ao bloco soviético, em termos doutrinários⁵².

No Brasil, **Carlos Marighella** optou pela acção urbana e foi, neste domínio, uma das figuras mais emblemáticas. Em 1967, rompeu com o Partido Comunista e dedicou-se à luta armada, criando o movimento Acção de Libertação Nacional, e posteriormente, a Vanguarda Popular Revolucionária, treinada pelo antigo capitão Carlos Lamarca. Marighella desenvolveu vários tipos de acções urbanas, mas os ataques a bancos eram a sua forma de acção mais popular. Todavia, a acção urbana, encontrou-se tão isolada na «selva urbana», como se encontrara a guerrilha de Che Guevara, na selva tropical, pelo que depois da morte de Marighella, em 1969, e de Lamarca, em 1971, as forças de segurança conseguiram sustentar as acções terroristas⁵³.

Marighella foi um dos teóricos da acção clandestina, com o seu «Mini-Manual» de guerrilha urbana⁵⁴, escrito em Junho de 1969, que lhe assegurou fama, notoriedade e influência, ao ser divulgado por todo o mundo, servindo de manual de referência a numerosos grupos latino-americanos, norte-americanos e europeus. Em teoria, o terrorismo urbano, era apenas um dos elementos da estratégia revolucionária, mas Marighella não estava preparado para esperar pela emergente guerrilha rural. Neste pressuposto, a sua ânsia de explorar as situações nas cidades, era tão grande, que se esqueceu do campo – aplicando o conceito de foco às áreas urbanas: a violência revolucionária despoletaria vários problemas, o que perante grandes audiências, conseguiria transmitir a mensagem à população e simultaneamente, levar as autoridades a implementar medidas de segurança mais restritivas e repressivas, o que induziria as massas à revolta, contra o governo e não contra os terroristas⁵⁵.

Marighella privilegiava como qualidades pessoais dos seus membros, a iniciativa e a paciência, características fundamentais para aquilo que designou, a unidade básica da organização terrorista – o «grupo de fogo» compostos por 4 ou 5 pessoas, com liberdade de acção e decisão para lançar os seus ataques, sem interferência do comando. Os princípios tácticos básicos eram «atacar e fugir», utilizando a velocidade, a mobilidade, as informações e a surpresa. Os assaltos a bancos, eram o *modus faciendi* mais comum, constituindo uma forma de teste e de aprendizagem da técnica revolucionária, assim como, emboscadas, ocupação de edifícios públicos, fábricas e estações de rádio. A lista de técnicas era longa e variada, defendia as manifestações populares, a libertação de prisioneiros, a captura de armas, a execução de funcionários do governo, polícias e cidadãos americanos. Os atletas, artistas e outras figuras públicas, só deveriam ser assassinados, em casos excepcionais, para não perder o apoio da opinião pública. Os transportes deveriam ser sabotados, os oleodutos cortados, os depósitos de combustível destruídos e os ataques à bomba, executados por especialistas para atingir alvos humanos⁵⁶. Em relação à chefia, Marighella afirmava que só aqueles que lutavam e passavam sacrifícios tinham direito à liderança, pelo que não aceitava comissários políticos ou supervisores. O comando estratégico e a rede regional estariam directamente dependentes do escalão militar. Deste modo, o comando regional não teria contacto com as unidades móveis clandestinas, e não se saberia tudo acerca dos seus membros nem das suas actividades. O princípio básico para os operacionais seria viverem separados e congregarem-se apenas para combater, utilizando metralhadoras e armas anti-carro,

privilegiando uma elevada mobilidade. Tomar-se-iam os donos da noite, e a guerra seria ganha por quem tivesse maior resistência ao longo do tempo⁵⁷.

Em 1962-63, apesar de o Uruguai, desde a Segunda Guerra Mundial, ser um país muito urbanizado e bastante tranquilo, surgiram **os Tupamaros**, tendo como manifesto político, a luta pela reforma agrária, as nacionalizações e a expulsão do imperialismo. Neste sentido, tentaram aplicar a doutrina dos «focos» a uma selva diferente (o meio urbano) e com métodos mais desumanos. A doutrina dos Tupamaros, que circulou em 1967, tinha a forma de um «catecismo» intitulado *«30 perguntas a um Tupamaro»*. A grande diferença em relação a outros movimentos radicais de esquerda, consistia na ênfase dada à acção revolucionária, mais do que à teoria. Partilhavam a convicção de Fidel, relativamente ao facto da acção poder existir, com ou sem partido, e de que a acção ou o movimento armado podiam existir em qualquer fase do processo subversivo. Os Tupamaros especializaram-se em assassínios e sequestros, mas também desencadearam acções de diversos tipos, nomeadamente, atentados à bomba, ataques a bancos e actividades de propaganda. Foram efectivamente, os precursores do sequestro de personalidades públicas, no âmbito do terrorismo, utilizando-o como uma arma de reivindicação política, método que inspirou muitas organizações terroristas em todo o mundo. Ao nível da organização, combinaram a concentração estratégica, com a descentralização táctica e a compartimentação das unidades básicas, e conseguiram até, criar prisões do povo e manter hospitais no meio urbano. A organização de apoio, instalou uma pesada «retaguarda» em apartamentos, alugados na «selva» de cimento de Montevideo, cujo objectivo era esconder o dinheiro, os alimentos, o armamento e os medicamentos, mas devido a este facto, os Tupamaros ficaram demasiado expostos e sofreram detenções em massa e importantes apreensões de armas. Ao exigirem largas somas de dinheiro por reféns, aproximaram-se dos métodos do crime organizado⁵⁸. O grupo teve o seu apogeu em 1968 e o final da sua existência, aconteceu em 1972.

Na década de 1970, a realidade do terror patrocinado pelo estado, prosseguiu em países com ditaduras militares, ou controlados pelos militares, como por exemplo, a Argentina, o Chile, o Brasil, o Uruguai, e na década de 1980, mesmo países com governos eleitos democraticamente, tais como a Bolívia, a Colômbia, El Salvador, a Guatemala e o Perú, recorreram a esquadrões da morte (forças auxiliares nas acções contraterroristas do estado) para intimidar adversários políticos, defensores dos direitos humanos, grupos estudantis e

de jornalistas, entre outros⁵⁹. Esta proximidade geográfica e ideológica, possibilitou a aliança político-militar entre os vários regimes militares da América do Sul – Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai – criada no início dos anos 1970, com o objectivo de coordenar a repressão a opositores dessas ditaduras, instalados nos seis países do Cone Sul, denominada **Operação Condor** (nome da ave típica dos Andes e símbolo da astúcia na caça às suas presas), tendo prosseguido até à instauração da democracia, na década seguinte. Os objectivos principais destes sistemas, em que exércitos e forças de segurança participaram com entusiasmo, não consistiam apenas no assassinio de pessoas, mas na execução de um método mais sinistro e subversivo de aprisionamento arbitrário, tortura e «desaparecimento»⁶⁰.

3.2.4 Terrorismo Nacionalista

Ao longo da última centúria, emergiram na Europa, os grupos mais radicais dos povos sem Estado (irlandeses, escoceses e bascos) a defenderem o terrorismo como instrumento de actuação política. Na Irlanda, desde a “Páscoa sangrenta de 1916” até à década de 1990, as estruturas terroristas actuaram na Inglaterra e nos seis condados da Irlanda do Norte (sob tutela britânica), desde que a ilha foi dividida em 1921. Foi este modelo de terrorismo – em nome do nacionalismo e apoiado num exército secreto, o IRA, que veio a inspirar os bascos da ETA, contra o estado espanhol – que sob o regime de Franco, conjugava a ditadura e o centralismo. Também a tradição democrática europeia, não impediu que activistas bretões, bascos e corsos tivessem recorrido aos atentados para reivindicarem a independência e a autonomia.

O grupo nacionalista mais duradouro, até hoje, é o movimento republicano irlandês, cuja mais recente campanha armada durou trinta anos, até à assinatura do Acordo de Belfast, em 10 de Abril de 1998, cujas origens remontam a pelo menos mais meio século. Embora as tácticas tenham variado ao longo do tempo, o IRA, quer Oficial, Provisional, de Continuidade ou Autêntico, seguiu a lógica operacional delineada pela Irmandade Republicana Irlandesa, de 1850. Uma relação ambivalente com a política também definiu a posição de outras grandes organizações terroristas étnicas na Europa, durante a última geração, como os separatistas bascos da ETA. Criada em 31 de Julho de 1959⁶¹, mas concebida, como o IRA, a partir de um movimento cultural de resistência há muito estabelecido, a ETA define-se a si própria como um movimento de libertação e não como um partido político, associando-se, mais claramente à questão da identidade nacional basca, do que o IRA, com o tema da «irlandicidade», uma questão que o IRA parece ter

tentado evitar. A ETA afastou-se das antigas teorias raciais e rejeitou qualquer dimensão religiosa, ao defender um secularismo rígido: o objectivo era o de assimilar qualquer pessoa preparada a usar a língua basca, permanecendo, pelo menos retoricamente, um movimento socialista revolucionário e nacionalista, com a sua campanha de violência, na prática, orientada contra os representantes do estado espanhol, destacando-se entre as suas vítimas, o primeiro-ministro, Almirante Carrero Blanco⁶², em 20 de Dezembro de 1973, e os governadores militares de Madrid e de Guipúzcoa, em 1979. Esta linha de pensamento foi também iniciada na Irlanda pelo movimento de língua gaélica, no final do século XIX, mas nessa altura o próprio povo irlandês abandonava a língua e, desde então, não foi persuadido a readoptá-la⁶³.

Na Ásia Menor, os curdos exigem insistentemente a independência política do Curdistão (região que actualmente pertence à Turquia, Iraque e Irão) e para concretizar este objectivo (estabelecer um Estado independente politicamente no Sudeste da Turquia) em 1978 formaram o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (daqui em diante PKK) organizado segundo o esquema clássico dos partidos comunistas: com Congresso, Secretário-Geral, Comité Central e Órgão Executivo do Comité Central⁶⁴. Os alvos dos seus ataques são, na Turquia, os militares, as forças de segurança, a população civil das aldeias isoladas e (para destruir a indústria de turismo da Turquia) os turistas estrangeiros. Na Europa, os interesses turcos (consulados, embaixadas, bancos, agências de viagens e (desde 1984) os dissidentes turcos. Para conseguir os seus objectivos, exige contribuições monetárias e um filho de cada família curda, entregue para combater pela causa curda.

A Europa é o campo privilegiado para esta organização terrorista concretizar a sua estratégia. De facto, as vantagens encontradas nas democracias europeias (para circularem, receberem apoios dos curdos residentes, atraírem as atenções dos media e impressionarem a opinião pública) facilitam a concretização dos seus objectivos⁶⁵.

Em 1975, surgiram os Comandos de Justiça do Genocídio Arménio, (em 1915, durante a I Guerra Mundial, o governo do Império Otomano exterminou aproximadamente um milhão e quatrocentos mil arménios cristãos. Os sobreviventes fugiram para Rússia, Médio Oriente, Europa e EUA. Desta forma surgiram diversas comunidades arménias fora do território turco e, durante os anos setenta do século vinte, multiplicaram-se as exigências para criar uma Arménia independente) o Exército Revolucionário Arménio e o Exército Secreto para a Libertação da Arménia. O Exército Revolucionário Arménio promove

acções contra o Estado turco em território turco, incluindo nas representações diplomáticas turcas existentes no estrangeiro⁶⁶. Entre 1975 e 1983, efectuou ataques contra interesses turcos existentes na sociedade internacional; mas actualmente, para não prejudicar as hipóteses políticas da Federação Revolucionária Arménia, permanece quase inactivo. O Exército Secreto para a Libertação da Arménia, alicerçado na ideologia marxista e na filosofia do socialismo científico, preconiza atentados indiscriminados contra todos os alvos favoráveis ao regime turco e contrários à causa arménia. Até Dezembro de 1991 efectuou mais de 200 atentados⁶⁷.

Os Tigres de Libertação do Tamil Eelam (daqui em diante LTTE) são um grupo secular separatista e adepto dos ideais marxistas-leninistas que lutam pela criação de um estado Tamil nas partes Norte e Este do Sri Lanka (antigo Ceilão). Considerada como a mais brutal e cruel organização terrorista do mundo, o LTTE faz o uso da força letal de forma indiscriminada. Entre Julho de 1987 e Fevereiro de 2000, os Tigres Negros (“Black Tigers”), unidade de comando suicida do LTTE, cometeram 168 ataques suicidas no Sri Lanka e na Índia, provocando a morte e ferimentos graves a milhares de inocentes, o que faz com que tal grupo terrorista lidere, não só a nível numérico como também em termos de volume, a lista de operações suicidas até agora efectuadas⁶⁸. A quantidade de tais operações não constitui, só por si, o principal factor da gradual proeminência da organização como actor internacional. Aliado àquele factor destaca-se o facto de 30% dos atentados suicidas perpetrados pelo LTTE terem sido conduzidos por mulheres, mais conhecidas por Tigresas Negras (“Black Tigresses”) ou “Freedom Birds”. Com a morte de milhares dos seus homólogos masculinos nas frentes de combate, um pouco depois do início da Guerra Civil de Sri Lanka, as mulheres⁶⁹ do LTTE têm-se afirmado paulatinamente como a mais importante e perigosa arma do grupo separatista, capaz de provocar efeitos incrivelmente devastadores no seio da sociedade cingalesa.

Uma característica fundamental, e única, do LTTE consiste no facto de cada membro do grupo trazer consigo, especificamente à volta do pescoço, uma cápsula de cianeto (o líder do LTTE propôs a ideia da cápsula de cianeto imediatamente depois de Sivakumaran, um militante Tamil, ter ingerido cianeto em 1974, tornando-se assim o primeiro “mártir”. Dez anos depois, Prabhakaran institucionalizou tal prática, mandando acrescentar uma cápsula de cianeto no equipamento de cada operacional), a qual é consumida pelo próprio membro, morrendo imediatamente a seguir, de modo a que não seja capturado pelas autoridades ou

obrigado a render-se. Quer isto dizer que os Tigres Tamil recorrem a esta prática com o intuito de não revelar os segredos da organização⁷⁰.

Ao contrário do que se verifica com algumas organizações terroristas, nomeadamente, o Hezbollah e o Hamas, e à semelhança do PKK, os ataques suicidas, protagonizados por homens e mulheres do LTTE são motivados, única e exclusivamente, por factores etno-nacionalistas, o nacionalismo tamil. Os factores religiosos são irrelevantes neste contexto dado a postura anti-religião adoptada pelos guerrilheiros Tamil, embora estes sejam descendentes de famílias hindus, ao contrário da população de etnia cingalesa, predominantemente budista⁷¹.

3.2.5 Euroterrorismo e Terrorismo Internacional

Após o movimento universitário desencadeado em França, em Maio de 1968, emergiram por toda a Europa ocidental, pequenos grupos activistas radicais, de extrema-esquerda, à semelhança do Exército Vermelho Japonês, o Baader-Meinhoff na Alemanha, as Brigadas Vermelhas em Itália, a Action Directe em França, os Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro em Espanha e as Forças Populares 25 de Abril em Portugal⁷². Em Itália⁷³, existiam cerca de 597 grupos terroristas (tanto de esquerda como de direita), mas sobretudo um, parecia desafiar e subverter profundamente as suposições liberais ocidentais garantidas, colocando a questão da motivação terrorista em cima da mesa – as Brigadas Vermelhas, formadas em 1969. As suas primeiras acções violentas, a começar por assaltos à mão armada “expropriações proletárias” e a explosão de carros e teatros, tiveram início em Novembro de 1970. As BV habitualmente assinavam os seus comunicados da seguinte forma: «Pelo comunismo»; e descreviam-se como «organizações autónomas de trabalhadores que apontam para os primeiros momentos da organização do proletariado na luta contra os patrões e os seus homens de confiança com os mesmos meios que estes usam contra a classe trabalhadora». As BV destacaram-se como grupo terrorista dominante na época, quando executaram o aparatoso rapto, em 16 de Março de 1978, de Aldo Moro – um antigo primeiro-ministro, símbolo do sistema político frágil, dependente de coligações para sobreviver e considerado pela organização terrorista, o «padrinho da contra-revolução imperialista, organizada pela Democracia Cristã», tendo consumado o seu assassinato, em 08 de Maio de 1978⁷⁴.

O nível de descontentamento público e a fraqueza do estado, contribuíram para explicar o impacto verdadeiramente alarmista do terrorismo em Itália, mas o caso da Alemanha era diferente, onde a prática do terror indiscriminado, ao longo na década de 70 do século

passado, foi liderado por duas pequenas organizações – o gang comunista «Baader-Meinhof» (chamado Rote Armee Fraktion, ou RAF, como sinal de respeito pelo grupo Exército Vermelho japonês) e o grupo anarquista Movimento Dois de Junho, assim denominado em homenagem ao dia em que a polícia matou um estudante numa manifestação, durante a visita do Xá do Irão. A ligação principal entre os dois países, consistia no legado histórico do fascismo e do nazismo, que separou a geração alemã do pós-guerra da dos seus pais e, tornou os jovens, «hiper-sensíveis a todas as estruturas autoritárias na sociedade»⁷⁵.

Numa análise sumária, podemos concluir que os movimentos nacionalistas demonstraram ter maior resistência e mais capacidade de destruição do que os pequenos grupos revolucionários de esquerda. Por um lado, tendem a ser bastante maiores e a terem mais possibilidades de recrutamento; e embora a sua «causa» – libertar ou unir a nação – não seja necessariamente mais exequível do que o sonho revolucionário de total transformação social, o nacionalismo dominou a política moderna porque está ligado a uma força visceral, aparentemente natural. «O princípio da autodeterminação nacional, a ideia de que as nações devem ter soberania política, de modo a tornar real a sua identidade cultural, é uma invenção intelectual do século XIX». Segundo o ponto de vista nacionalista, os direitos de todas as nações são iguais, independentemente do seu tamanho, da sua localização ou da sua viabilidade prática. A questão principal está relacionada com a sua tornada de consciência: se os membros da própria nação estão convencidos da própria identidade colectiva, tal como é entendida pelos nacionalistas. O terrorismo pode desempenhar um papel decisivo na tentativa de preservar ou de «despertar» o espírito nacional e também na luta associada contra um governo estrangeiro ou imperialista e, uma vez enraizadas, as «causas» nacionalistas são muitíssimo resistentes⁷⁶.

O ano de 1968 assistiu às primeiras acções terroristas palestinas, fora do Médio Oriente, alicerçadas inicialmente em motivações nacionalistas e ideológicas, mas que após a revolução de 1979, no Irão, se juntou o factor religioso, passando o terrorismo a ter um pendor internacional, principalmente através das acções dos grupos palestinianos na Europa, desde a OLP de Yasser Arafat, com algumas das suas organizações fantasma, como o Setembro Negro, até à minoritária e muito violenta, Frente Popular para a Libertação da Palestina - Comando Geral, de Ahmed Jibril⁷⁷ (antigo capitão do exército sírio), que entre outras acções, sequestrou o navio de cruzeiro italiano Achille Lauro⁷⁸, em 7 de Outubro de 1985, no qual foi assassinado a sangue frio, Leon Klinghoffer, um turista

norte-americano, paraplégico, tendo o seu corpo sido lançado ao mar. Ou ainda, a Frente Popular para a Libertação da Palestina do cristão Georges Habash e Wadi Haddad, que executou uma série de sequestros e atentados a bomba contra alvos israelitas na Europa. Habash começou a retirar protagonismo a Arafat quando, em Julho de 1968, a sua FPLP (criada em 1967, seis meses após a humilhante derrota árabe na Guerra dos Seis Dias) desviou para Argel, um Boeing 707 da companhia de aviação israelita El Al. O aparelho, que fazia a ligação Roma-Telavive, esteve parado na pista durante 40 dias (apenas mulheres e crianças foram autorizadas a sair), até serem libertados 16 palestinianos detidos em Israel. O conflito internacionalizou-se e tornou-se mais sangrento, visando civis. Entre Dezembro de 1968 e Setembro de 1969, vários aviões e interesses israelitas foram atacados em Atenas, Zurique, Londres, Haia, Bruxelas e Bona. À revista alemã Stern, Georges Habash justificaria assim a “nova tática da resistência” palestiniana: “Quando desviamos um avião, isso tem mais efeito do que matarmos 100 israelitas numa batalha. Durante décadas, a opinião pública nunca foi a favor ou contra os palestinianos. Simplesmente ignorava-nos. Agora, pelo menos, o mundo fala de nós”. A pirataria aérea (skyjacking) tornou-se a imagem de marca de Habash⁷⁹.

A FPLP adoptou esta estratégia por razões práticas e teóricas. Do lado prático, era mais viável atingir alvos, como empresas aéreas, do que atacar com hipóteses de sucesso o território de Israel. Teoricamente, a FPLP interpretava a causa palestina como parte de uma luta revolucionária global contra o mundo capitalista. A campanha teve o seu apogeu nos anos setenta do século passado, com o sequestro de três aviões pela FPLP, em Setembro de 1970, encaminhados para o Campo de Dawson⁸⁰, no deserto jordano, considerado um ícone simbólico do terrorismo moderno.

Os combates desse mês de Setembro, conhecido como o Setembro Negro, prejudicaram seriamente a posição militar dos palestinos, obrigando-os a abandonar a margem direita (oriental) do Jordão e a reagrupar-se no Líbano⁸¹. Em 5 de Setembro de 1972, o Setembro Negro concretizou o seu golpe mais audacioso e com extraordinário impacto, ao assaltar a aldeia olímpica em Munique, que se saldou com o assassinato de 11 atletas israelitas⁸², passando a constituir um acto emblemático, na história do terrorismo. Neste período histórico, os terroristas árabes (uma percentagem significativa dos líderes e activistas da OLP eram cristãos), deixaram bem claro que combatiam por uma causa árabe ou palestiniana, e não em nome do Islão⁸³, o que se viria a alterar mais tarde.

Uma das organizações palestinianas mais sanguinárias foi a de Sabri Al-Bannah, mais conhecido por Abu Nidal, realizando numerosos atentados contra interesses israelitas e

intermináveis sequestros de aviões, antes de se generalizarem as medidas de segurança que hoje conhecemos, constituiu um pesadelo para as forças e serviços de segurança e a comunidade dos serviços de informações, chegando a actuar em Portugal⁸⁴.

Na década de 1980, acentuou-se a ameaça do terrorismo internacional, no mundo ocidental, analisado e descrito por Claire Sterling no seu livro *The Terror Network*⁸⁵, publicado em 1982 que reconstituía uma organização global, vasta e unificada, não apenas inspirada na União Soviética, mas directamente controlada por esse país. Esta percepção, impressionante, entroncava na retórica política do período Thatcher-Reagan: a luta contra o «império do mal». Em 1981, o secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig, acusou a União Soviética de «treinar, subsidiar e aprovisionar terroristas internacionais». Embora não correspondesse por pouco à medida de Sterling, o conceito de terrorismo internacional estava firmemente estabelecido. Apesar das suas óbvias improbabilidades, para não dizer enormidades, a ideia de uma rede de terror não foi sujeita a muitas críticas, até que o fim da Guerra Fria a privou de aspectos essenciais⁸⁶.

Esta onda de terrorismo internacional, cujos actos provinham de praticamente todos os quadrantes geográficos e ideológicos, estava centrada nos movimentos revolucionários europeus – separatistas bascos, neo-fascistas italianos, radicais de esquerda, entre outros -, e nos grupos nacionalistas palestinianos, ficando conhecida como “euroterrorismo”. Esta ameaça crescente levaria à criação, em todo o mundo, de unidades de forças especiais, vocacionadas para a luta antiterrorista.

O *modus operandi* comum da acção terrorista, muito em voga nas décadas de 70 e 80 do século passado, foi o sequestro e o assassinio de pessoas, quando os voos comerciais se tornaram um alvo fácil e remunerador para as organizações terroristas⁸⁷, potenciando a internacionalização e difusão da questão palestiniana, como lapidarmente o referiu George Habash da FPLP: «Quando desviamos um avião, obtemos mais resultados do que quando matamos 100 israelitas em combate», exultou Habash, em 1970. «O mundo agora está a falar de nós»⁸⁸.

No sequestro individual, o alvo podia representar o poder estabelecido, ou fazer parte dele, como demonstrou o sequestro e assassinio do ex-primeiro ministro italiano Aldo Moro, em 1978, pelas Brigadas Vermelhas. Deste modo, os assassinios praticados por terroristas, ligados a grupos organizados ou por ímpeto pessoal, visam atingir o poder estabelecido ou indivíduos que representam ideologias contrárias às do agressor: “O assassinato do arquiduque austríaco Francisco Fernando em Sarajevo, em 1914, pelo estudante bósnio de

origem sérvia, Gavrilo Princip, teve consequências graves, porquanto foi o catalisador da I Guerra Mundial e, evidenciou como as organizações terroristas, já eram actantes no início do século, assim como, o envolvimento de governos com essas organizações. O grupo terrorista “Mão Negra” responsável directo pelo atentado de Sarajevo contou com o apoio do serviço de segurança do Reino da Sérvia, para concretizar este acto emblemático do início do século XX⁸⁹.

A arma terrorista mais perigosa desta época foi o Semtex (mármore mágico), um poderoso explosivo «plástico», inventado por Stanislav Brebera, na cidade checa de Semtin, em 1966. Fácil de cortar e moldar, usável em inúmeras situações, impossível de detectar por cães treinados e disponível em várias cores, o Semtex era (quase literalmente) um presente para os terroristas. O que a dinamite fora no final do século XIX, o Semtex era-o no final do século XX. Durante a década de 70, do século XX, cerca de 690 toneladas de Semtex foram exportadas da Checoslováquia só para a Líbia, o que seria suficiente para construir mais de um milhão de bombas com a força equivalente à utilizada para destruir o avião da PanAm, que sobrevoava Lockerbie, na Escócia, em 1988 (voo 103) e, como o Presidente Checo Vaclav Havel, consternado, admitiu depois: «para apoiar o terrorismo mundial durante 50 anos». A partir da Líbia – na altura considerada o sucedâneo terceiro-mundista fundamental da União Soviética – foi, com certeza, distribuído a muitos grupos terroristas, incluindo a ETA e o IRA, constituindo uma ajuda preciosa para essas organizações, mas não há provas de que tenha sido decisiva para as manter activas e muito menos para as criar⁹⁰.

Em 1979, principalmente após o triunfo da Revolução Islâmica Iraniana, o Irão passou a agir, como um actor de desestabilização, no sistema político internacional. Esta República Islâmica integrista, que afirmou aplicar estritamente a lei islâmica (*sharia*) e, a proclamação da *jihad*, enquanto luta armada para defender a fé islâmica, apoiou e financiou diversos movimentos islâmicos e apoiou o terrorismo como forma de pressão e chantagem em diversas regiões do planeta., manipulando a seu favor, grupos xiitas radicais. Entre os diversos grupos xiitas, subordinados ao Irão, distinguiu-se o Hezbollah (partido de Deus) no Líbano, cuja dependência económica, logística e religiosa de Teerão, o transformou num instrumento privilegiado das pretensões iranianas, desencadeadas principalmente, contra os interesses ocidentais. Este facto materializou-se em 1983, quando a “Jihad Islâmica” do Hezbollah atacou diversas vezes, interesses ocidentais

naquele território, destacando-se os ataques suicidas em Beirute, a 15 de Abril, contra o quartelamento francês, e outro, contra o quartel dos fuzileiros norte-americanos em 23 de Outubro⁹¹. Este movimento continua muito forte e activo, controlando praticamente, toda a zona sul do Líbano.

O Hamas (movimento islâmico de resistência armada) é outro movimento xiita da Jordânia e Faixa de Gaza, fundado pelo xeque Ahmed Ismail Yassin⁹², que se iniciou como grande força, durante a primeira intifada, em 1987. É um movimento estruturado em pequenas células, com dupla faceta: um rosto para o apoio social (através de um de uma rede de escolas, mesquitas e hospitais) e outro para o combate através de atentados suicidas, entre outros, através do seu braço armado, as Brigadas Ezzedine al-Qassam). Este movimento combina o nacionalismo palestino e o fundamentalismo religioso, pretendendo içar a bandeira de Alá em cada centímetro da Palestina, considerando os ataques suicidas os «F-16 do povo palestino»⁹³. Hoje, é um movimento de massas que conseguiu passar de Gaza à Cisjordânia, tendo vencido em 25 de Janeiro de 2006, as eleições parlamentares na Palestina⁹⁴, consideradas históricas e que conduziram às urnas, mais de um milhão de palestinos, constituindo o único escrutínio legislativo num período de dez anos, e as primeiras eleições de sempre em que o Hamas participou.

4. O TERRORISMO “TRADICIONAL”

Apesar das heterogeneidades entre as actividades terroristas, o “terrorismo tradicional” é sobretudo uma “ferramenta” para chamar a atenção para a causa, visando normalmente políticos, militares e elementos das forças e serviços de segurança, em conformidade com os seus objectivos políticos perfeitamente declarados e reivindicados. Esta praxis terrorista serve para forçar negociações, reivindicações territoriais ou políticas, assim como a libertação de companheiros seus e, nesta perspectiva, este tipo de terroristas só raramente se envolvem em matanças indiscriminadas, porquanto tal repugnaria a opinião pública e seria nefasto para a sua causa⁹⁵.

Como princípio de acção o terrorismo foi reivindicado, consoante as circunstâncias, por quase todas as famílias políticas, pelo que os equívocos do termo “terrorismo” são hoje geralmente reconhecidos. Ao longo dos tempos, o termo serviu ora para estigmatizar práticas tidas por absolutamente condenáveis, ora para designar acções que os seus actores legitimavam, da mesma maneira que era legitimada a “guerra justa”⁹⁶.

Convém salientar que o termo “terrorismo” é impreciso e polémico – basta olhar a lista das “organizações terroristas” divulgada pelo Departamento de Estado dos EUA⁹⁷ para perceber essa ambiguidade. Depois, se o definirmos como o uso do terror e da violência com objectivos políticos, não podemos deixar de reconhecer que a História mostra que em alguns momentos essa violência foi justificada e, que muitos que outrora foram apelidados de “terroristas” acabaram sendo homens de Estado respeitados – de Michael Collins da Irlanda aos líderes africanos e asiáticos anticoloniais, de Yasser Arafat a Nelson Mandela. Por outro lado, também é bom esclarecer que não existe apenas terrorismo de matriz jihadista: outros terrorismos estão em vigor, um pouco por todo o mundo não muçulmano – o da ETA em Espanha, o do IRA e o dos unionistas no Ulster que se fez sentir até ao início do processo de pacificação, com o Acordo de Belfast ⁹⁸ (também conhecido por Acordo de Sexta-feira Santa), assinado em Belfast em 10 de Abril de 1998 pelos Governos Britânico e Irlandês e apoiado pela maioria dos partidos políticos da Irlanda do Norte, o das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia⁹⁹ (daqui em diante FARC) e dos paramilitares¹⁰⁰ na Colômbia, o dos Tigres Tamil no Sri Lanka, o dos maoístas no Nepal, o das renascidas “Brigadas Vermelhas” em Itália, o Sendero Luminoso¹⁰¹ e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru¹⁰², que se manifestaram no Peru e os movimentos subversivos e terroristas na Índia, entre outros. E a história regista vários momentos em que um acto terrorista acabou por provocar uma alteração ou uma aceleração brusca no seu curso, como o assassinato do arquiduque Francisco Fernando, sucessor ao trono do Império Austro-Húngaro, em Sarajevo, que precipitou a I Grande Guerra¹⁰³.

É importante referir que destas organizações revolucionárias, a ETA, o IRA, as FARC, entre outras, trouxeram como inovações, três características principais: a divisão de tarefas, a transnacionalidade e a totalização dos meios.

Estas organizações possuíam¹⁰⁴:

- Uma direcção política e grupos operacionais com tarefas distintas (IRA/Sinn Fein ou ETA/Herri Batasuna);
- Capacidade de movimentação internacional;
- Campos de treino para os seus operacionais e uma maior capacidade financeira que lhes proporcionou autonomia e grande capacidade de acção. É também significativa a colaboração entre organizações terroristas com objectivos comuns.

Na última década do século passado, encontramos um novo fenómeno. A associação do terrorismo ao crime organizado formou organizações muito poderosas e influentes, com

capacidade para decidir o destino político de vários países, como por exemplo, na Colômbia e no Peru, onde os terroristas possuem ligações estreitas aos cartéis da droga, conseguindo vantagens mútuas – os cartéis obtêm protecção para os seus negócios e os terroristas obtêm financiamento para a organização, denominando-se esta simbiose por narcoterrorismo¹⁰⁵.

5. O TERRORISMO DE “NOVO TIPO”

Para a proliferação dos grupos islamistas, radicais e *jihadistas*, contribuíram alguns factos históricos, entre 1979 e 1989. Desde logo o Acordo de Paz de Camp David, celebrado em 1979, por Anwar Sadat e Menahem Begin, em representação, respectivamente, do Egipto e Israel, com o apoio dos Estados Unidos, que encerrou toda a esperança de um exército árabe poder derrotar, num futuro próximo, o Estado judaico, tendo sido interpretado por muitos, como uma desonrosa prova da ineficiência de um presidente e um regime laico, vendido aos Estados Unidos – facto que viria a motivar o assassinato de Sadat em 1981, por islamistas egípcios. Mas se 1979 foi um ano decisivo para o futuro da *jihad*, tal não se deve unicamente ao acordo de Camp David, mas, sobretudo, à revolução iraniana, consumada em Fevereiro, com a substituição da monarquia pró-ocidental do Xá Reza Palevi por um regime islâmico, liderado pelo *ayatollha* Khomeini, que reavivou as esperanças de islamistas de todo o mundo, em ajudar a difundir uma versão do xiismo verdadeiramente incendiária e, em Dezembro, a União Soviética invadiu o Afeganistão¹⁰⁶.

Em 1989 caiu o Muro de Berlim e, após uma década de resistência islâmica no Afeganistão, o presidente soviético Mikail Gorbachov ordenaria a retirada das suas forças, que seria interpretada pelos *jihadistas*, como uma vitória e a confirmação do apoio de Alá à sua causa. Pouco tempo depois os talibans tomaram o poder, estabeleceram um novo governo islâmico, regido pela *sharia*, e proporcionaram um santuário à maior rede terrorista da história – a Al-Qaeda¹⁰⁷. Durante o ano de 1989, o mundo muçulmano, viveu outros acontecimentos favoráveis aos radicais *jihadistas*. No Sudão, houve um golpe de estado, protagonizado pelos militares, com a aprovação do líder islamista Hassan al-Turabi. Na Argélia foi criada a Frente Islâmica de Salvação¹⁰⁸ e o Hamas ganhava apoios na Palestina, intensificando em simultâneo, as suas acções de força contra Israel. Por último, em Agosto de 1990, o Kuwait foi invadido pelo exército iraquiano. Passados poucos meses, os Estados Unidos, escandalizariam os muçulmanos radicais de todo o mundo, ao deslocar forças militares para território saudita e iniciar a primeira guerra do

Golfo. Conjugado com estes factos históricos, motivadores e aglutinadores da *Umma* (comunidade de crentes), é importante salientar que o islamismo cresceu, pouco a pouco, durante os anos sessenta do século XX, com maior celeridade a partir dos setenta e em progressão geométrica durante os anos oitenta e a primeira metade dos noventa, sendo a única religião monoteísta que continua a conquistar crentes diariamente¹⁰⁹.

Perante esta perspectiva do sistema político internacional e com o fim da *jihad* anti-soviética afegã, a internacionalização da Al-Qaeda foi facilitada. A retirada soviética possibilitou, deslocar muitos operacionais, árabes e asiáticos, impregnados do ideário jihadista, para outras zonas de conflito onde estavam envolvidos islamistas - Caxemira, Chechénia, Mindanau, Somália, Malásia, Indonésia, Argélia, Egipto, entre outros¹¹⁰. Em **23 de Fevereiro de 1998**, Bin Laden anunciou a primeira «**declaração de guerra contra os cruzados e os judeus**», com três etapas distintas. Num primeiro tempo o objectivo era claramente religioso: expulsar os infiéis (todos os não muçulmanos) dos recintos sagrados de Meca e Medina, na Arábia Saudita. Purificados os lugares santos, a Al-Qaeda lançar-se-ia depois na tarefa de expulsar os americanos, há décadas a explorarem os poços de petróleo do Médio Oriente. Só em terceiro lugar estava prevista a conquista e conversão ao Islão do mundo ocidental. Por consideramos esta declaração um facto importantíssimo para o movimento jihadista mundial, pois é a génese da Frente Islâmica Mundial, transcreve-se o seu texto¹¹¹ na íntegra:

Esta declaração, da recém-criada «FRENTE MUNDIAL ISLÂMICA», anuncia uma jihad contra Judeus e cruzados. Tem quatro signatários, talvez em resposta a críticas de que Bin Laden não dispunha das qualificações religiosas necessárias para interpretar o Alcorão e emitir opiniões jurídicas que fizessem autoridade (fatwa). Entre eles, contam-se o egípcio Ayman al-Zawahiri, que tem sido o colaborador mais próximo de Bin Laden desde o assassínio de Abdallah Azzam, em 1989, e que é considerado amiúde o principal estratega da jihad mundial Abu Yasir Rif' ai Ahmad Taha, um representante do al-Gamaa al-Islamiyya (Grupo Islâmico Egípcio); o xeque Mir Hamzah, secretário-geral do Jamiat e ulema, do Paquistão, e Maulana Fazlur Rahman, actual líder da oposição na Assembleia Nacional do Paquistão, que viria a organizar a conferência de Abril de 2001, na qual Bin Laden pronunciou a Declaração 8, apresentada mais à frente. A presente declaração condena as políticas norte-americanas no Médio Oriente como «uma proclamação clara de guerra contra Deus, o Seu Enviado e os muçulmanos», e defende que os exegetas religiosos, ao longo da História, estiveram de acordo quanto ao facto de a jihad se tornar um dever individual quando o inimigo ataca países muçulmanos. O Iraque, em especial tornou-se o alvo de uma agressão cada vez mais intensa. A declaração alerta já para a «ânsia [americana] de destruir o Iraque, o mais forte dos

Estados vizinhos» e para os esforços norte-americanos para enfraquecer todos os outros países da região. Segue-se uma fatwa, citando sete passagens do Alcorão em apoio da obrigação de travar uma jihad contra os Americanos, militares e civis, até abandonarem as terras da umma.

Xeque Osama bin Muhammad bin Laden

Ayman al-Zawahiri, emir do Grupo da Jihad no Egipto

Abu-Yasir Rif' ai Ahmad Taha, do Grupo Islâmico Egípcio

Xeque Mir Hamzah, secretário do Jamiat-ul-Ulema-e-Pakistan

Maulana Fazlur Rahman, emir do Movimento da Jihad no Bangladesh

Louvido seja Deus, que revelou o Livro, que controla as nuvens, que derrotou o facciosismo e que diz no Seu Livro: «Terminados que sejam os meses sagrados, matai os idólatras onde os encontrardes. Apanhai-os! Preparai-lhes todas as espécies de emboscadas.» As orações e a paz estejam com o nosso Profeta Muhammad bin Abdallah, que disse: «Fui enviado com uma espada nas minhas mãos para que só o verdadeiro Deus seja adorado, Deus que colocou a minha subsistência sob a sombra da minha lança e que condena aqueles que desobedecem às minhas ordens de servidão e humilhação».

Desde que Deus fez a península Arábica plana, criou nela o deserto e a rodeou de mares, esta nunca sofreu uma calamidade como estas hordas de cruzados que se espalharam por ela como gafanhotos, consumindo a sua riqueza e destruindo a sua fertilidade. Tudo isto numa época em que as nações uniram forças contra os muçulmanos, como se estivessem a lutar por uma malga de comida. Quando a questão é tão grave como isto e o apoio é escasso, temos de analisar os acontecimentos actuais e acordar, colectivamente, a melhor forma de resolver o problema. Neste momento, já não existe a menor controvérsia em relação a três factos bem conhecidos e comumente aceites que já não exigem provas suplementares, mas referi-los-emos uma vez mais, para que as pessoas se lembrem deles. São os seguintes: Em primeiro lugar, há mais de sete anos que a América ocupou as partes mais sagradas das terras islâmicas, a península Arábica, pilhando a sua riqueza, impondo ditames aos seus dirigentes, humilhando o seu povo, aterrorizando os seus vizinhos e transformando as suas bases no local numa ponta de lança para combater os povos muçulmanos vizinhos.

Alguns podem ter contestado, antes, a realidade desta ocupação, mas, neste momento, todos os povos da península Arábica já a reconheceram. Não existe prova mais clara do que a agressão excessiva da América contra o povo do Iraque, usando a península como base. É verdade que todos os seus líderes repudiaram uma tal utilização das suas terras, mas estão impotentes.

Em segundo, apesar da grande devastação infligida ao povo iraquiano às mãos da aliança de Judeus e cruzados, e apesar do número terrível de mortos – mais de um milhão – apesar de tudo isto, os Americanos estão a tentar repetir, uma vez mais, esses massacres horrendos, como se não estivessem satisfeitos com o longo período de sanções após a guerra cruel, ou com toda a fragmentação e destruição. Hoje, estão prestes a aniquilar o que resta do seu povo e humilhar os seus vizinhos muçulmanos.

Em terceiro lugar, embora estas guerras tenham sido travadas pelos Americanos por motivos religiosos e económicos, também servem os interesses do mesquinho Estado judaico, afastando as atenções da sua ocupação de Jerusalém e do assassinio dos muçulmanos que aí é levado a cabo.

Não há melhor prova disto do que a ânsia de destruir o Iraque, o mais forte dos Estados árabes vizinhos, e os seus esforços para fragmentarem todos os Estados da região, como o Iraque, a Arábia Saudita, o Egipto e o Sudão, transformando-os em mini-Estados de papel cuja fraqueza e falta de unidade garantirão a sobrevivência de Israel e a perpetuação da ocupação brutal da península pelos cruzados.

Todos estes crimes e pecados americanos são uma clara proclamação de guerra contra Deus, o seu Enviado, e os muçulmanos. Ao longo de toda a história islâmica, os exegetas religiosos estiveram de acordo quanto ao facto de a jihad ser um dever individual quando um inimigo ataca países muçulmanos. Isto foi dito pelo imã Ibn Qudama em «O Recurso», pelo imã al-Kisa'i em «As Maravilhas», por al-Qurtubi na sua exegese e pelo xeque do Islão quando afirma, nas suas crónicas, que «quanto a combater para repelir o inimigo, que é a forma mais vigorosa de defender a liberdade e a religião, há acordo quanto ao facto de ser um dever. Depois da fé, não existe maior dever do que combater um inimigo que está a corromper a religião e o mundo».

Com base nisto, e de acordo com a vontade de Deus, proclamamos a todos os muçulmanos a seguinte sentença:

Matar os americanos e os seus aliados – civis e militares – é um dever individual que recai sobre todos os muçulmanos em todos os países, para libertar a Mesquita de al-Aqsa e a Sagrada Mesquita das suas garras, de modo que os seus exércitos deixem todo o território do Islão, derrotados, desfeitos e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras de Deus Todo-Poderoso: «Matai-os até que a perseguição não exista e esteja no seu lugar a religião de Deus»; «Combatei-os até que não exista tentação e seja a religião toda de Deus!»; «o que acontece convosco que não combateis na senda de Deus e pelos homens fracos, as mulheres e as crianças que dizem: 'Senhor nosso! Tira-nos deste povo, cujas gentes são injustas! Dá-nos um chefe designado por Ti! Dá-nos um defensor designado por Ti!»

Com a autorização de Deus exortamos todos aqueles que acreditam em Deus e querem ser recompensados a que cumpram a Sua vontade de matar os americanos e tomar o seu dinheiro, onde e quando os encontrarem. Exortamos também os exegetas religiosos, os seus líderes, os seus jovens e os seus soldados a lançarem a investida contra os soldados de Satanás, os americanos, e todos os apoiantes do demónio que estejam aliados com eles, para os expulsarem atrás deles de modo que não se esqueçam.

Deus Todo-Poderoso disse: «Ó vos que credes! Respondei a Deus e ao Seu Enviado quando este vos chama, para o que vos fará viver eternamente! Sabei que Deus se interpõe entre o homem e o seu coração e que junto d'Ele sereis reunidos.»

Deus Todo-Poderoso: «Ó vós que credes! Que vos acontece quando se vos diz 'Competi na senda de Deus', e vós permanecéis cravados na terra? Preferis a vida mundana à outra vida? O gozo desta vida é escasso em comparação com o da outra. Se não competirdes na

senda de Deus, ele vos atormentará com um tormento doloroso e substituir-vos-á por outras gentes, sem que o possais prejudicar em nada, pois Deus é poderoso sobre todas as coisas.»

Deus Todo-Poderoso disse também: «Não desfaleçais nem vos ponhais tristes, pois vós sois os superiores, se sois crentes.»

Deste modo, o início do século XXI apresenta mudanças no quadro geopolítico global e, logo após os atentados de 11 de Setembro de 2001, o terrorismo passou a ocupar o centro das atenções da política de segurança de vários países¹¹² e, segundo o General Loureiro dos Santos, começou a idade imperial¹¹³.

O terrorismo hodierno, de matriz *jihadista* salafista, caracteriza-se pela sua letalidade, globalidade e espectacularidade, mas, essencialmente, pelo seu grau de sofisticação em termos de acção, organização e pelo seu carácter difuso. É imprevisível, apocalíptico e visa a sua auto-propaganda, tendo atingido uma escala de dimensões estratégicas nunca dantes atingida, por três razões principais.

A primeira porque perdeu importância a tática de terrorismo selectivo, pelo qual se visava aniquilar uma determinada individualidade, cujo desaparecimento pela violência interessava a quem a promovia, para ser dada preferência à adopção do terrorismo indiscriminado, com a finalidade de provocar o maior pânico possível, através de grande número de mortes.

A segunda relaciona-se com a disponibilidade de novas tecnologias, cuja capacidade de potenciar os efeitos de morte e de medo se alarga a níveis surpreendentes. O uso das modernas técnicas de comunicação permite a organização de atentados terroristas sofisticados e o aparecimento de um novo tipo de terrorismo – o terrorismo ciberespacial – capaz de paralisar sistemas complexos de apoio de vida característicos das sociedades desenvolvidas, como sistemas de energia, de distribuição e tratamento de águas, esgotos, etc., podendo provocar insegurança, medo, doenças e mesmo epidemias. A realização de sabotagens ou atentados com meios de transporte de massas modernos pode originar enormes desastres, com efeitos catastróficos. A utilização de armas de destruição maciça, nucleares, biológicas, químicas e radiológicas, cuja proliferação não se tem conseguido travar, se usada para efectuar atentados terroristas, faz subir o terror ao armagedão.

A terceira diz respeito ao ambiente mediático dos dias de hoje, que permite levar ao conhecimento da aldeia global e em tempo real, o “espectáculo” do terror, tornando próximo o atentado distante e, exponenciando os efeitos de terror por ele provocados.

A cobertura mediática concedida ao terrorismo funciona como oxigénio que o alimenta¹¹⁴.

Raphael Israeli, um especialista em terrorismo, forjou recentemente uma expressão para definir as operações suicidas ou de martírio, características deste tipo de terrorismo, designando-as por **Islamikaze**¹¹⁵.

6. A AMEAÇA DO “TERRORISMO JIHADISTA ”

Ao longo das últimas décadas o terrorismo passou a dominar a agenda internacional, com os atentados perpetrados por entidades palestinianas, contra os interesses e personalidades judaicas, em todo o mundo, a partir dos anos 60 do século XX e, fundamentalmente, após o 11 de Setembro de 2001. A erupção fulminante do denominado “terrorismo de novo tipo”, “hiperterrorismo” ou “terrorismo pós-moderno” - em virtude da inovação das suas táticas e estratégias -, fundamenta-se numa ideologia radical e fundamentalista que se manifesta através do *jihadismo* salafista, em que o inimigo não tem rosto, a ameaça é desterritorializada, o armamento desmilitarizado e o uso da força privatizado, ou seja a guerra-rede, como lhe chamou Manuel Castells¹¹⁶.

Actualmente, um objectivo primordial do terrorismo, será a aniquilação dos valores da democracia, de acordo com a teoria da jihad global, desenvolvida pelo seu teórico mais fanático e um dos mais respeitados e venerados do islamismo radical, Sayyid Quttub, considerado o verdadeiro pai do violento *jihadismo* internacional. Ao seu ódio desenfreado contra os governos «filosocialistas e ímpios», juntava uma aversão sem limites contra os Estados Unidos, país onde viveu entre 1948 e 1950 e aprendeu a odiar o Ocidente. Para Quttub, as grandes ameaças para o Islão, são o Ocidente e a democracia, chegando a afirmar que o estilo de vida americano, e por extensão, o do mundo ocidental, constituíam o maior risco a que o islão estaria submetido no futuro. Quttub considerava os Estados Unidos a mais perfeita encarnação do mal, pelo seu sentimento de igualdade, democracia, tolerância religiosa e, sobretudo, a permissividade, que para ele constituía a armadilha mais perigosa para um bom muçulmano¹¹⁷.

As causas que motivam os actos terroristas podem ser multifacetadas: expulsão de estrangeiros, mudanças políticas, acção de retaliação e vingança, projecção local ou global, construção de uma imagem de poder, preservação do território, motivos religiosos, entre outras. Sem dúvida que os princípios da sociedade democrática, quando efectivamente estruturados, apresentam poucas probabilidades de sofrer abalos com a acção terrorista, contudo, as jovens democracias estão sujeitas a retrocessos. Os ataques aos países

muçulmanos que começaram o processo de democratização, como a Turquia e a Indonésia, demonstram a incompatibilidade entre grupos radicais que recorrem a acções terroristas e, o regime de liberdade e respeito pelos direitos humanos¹¹⁸.

Contudo e, em pleno século XXI, o terrorismo tem vindo a alastrar à escala mundial, revelando a incapacidade das sociedades para o combater – facto dramaticamente constatado a 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos da América, a 11 de Março de 2004, em Madrid, em Londres, a 7 e 21 de Julho de 2005 e, mais recentemente, em Argel a 11 de Abril e 11 de Dezembro de 2007, entre outros factos.

O recurso à acção terrorista é vulgarmente apontado como espécie de criminalidade ideológica representando, ao mesmo tempo, um eminente vector de guerra psicológica. Nestes termos, o terrorismo traduz um refinado método de violência política orientada, geralmente dirigida contra objectivos civis. Além do mais, a História comprova que os alvos do terrorismo, nem sempre são escolhidos, mediante uma lógica indutiva, ou em função de esquemas de causalidade linear. A violência é na maioria das vezes aleatória e indiscriminada. Ao longo da última década tornou-se evidente que muitos grupos terroristas são menos motivados por objectivos políticos concretos e mais por fanatismos étnicos, apocalípticos e religiosos. Daqui resultam algumas características deste “terrorismo de novo tipo”, como refere Luís Leitão Tomé, que fazem dele uma ameaça particularmente perigosa¹¹⁹.

«Em primeiro lugar, para estes terroristas todos os meios são justificáveis em função dos seus fins, incluindo o sacrifício da sua própria vida e a de milhares de inocentes civis. O que significa que, grupos como a Al-Qaeda, em vez de um avião de carreira comercial carregado de passageiros e de combustível utilizado como míssil incendiário, se puderem lançar mão de armas químicas, biológicas ou nucleares, ou se puderem visar centrais nucleares, barragens e redes de abastecimento públicas, não hesitarão em utilizar estes meios para provocar o maior número possível de danos materiais e de vítimas humanas.

Segundo, contra este tipo de terroristas não há praticamente poder de dissuasão, uma vez que estes indivíduos procuram “oferecer” a sua vida como arma¹²⁰, em nome da “causa” e na expectativa de serem recompensados pela autoridade divina depois da morte terrena.

Terceiro, este tipo de terrorismo goza de assimetrias importantes. Por um lado, na luta contra o terrorismo, os que jogam à defesa têm de proteger, no mundo inteiro, todos os seus pontos vulneráveis; o terrorista só tem de escolher e atacar os alvos mais fracos ou uma acção mais surpreendente. Por outro, os custos de uma acção terrorista são infinitamente mais baixos que os custos necessários à defesa de um ataque desse tipo: para

paralisar um aeroporto, ao terrorista basta-lhe uma espingarda automática AK-47; a defesa desse aeroporto custa muitos milhões de euros ou dólares. Os ataques de 11 de Setembro terão custado provavelmente menos de dois milhões de dólares, mas geraram perdas e custos de mais de 100.000 milhões de dólares.

Em quarto lugar, os terroristas *jihadistas* salafistas, demonstram saber tirar partido de todos os elementos produzidos pela própria civilização do progresso que consideram tão condenável. É irónico, sem dúvida, mas as possibilidades da mundialização, sobretudo em termos de transportes e comunicações, permitem-lhes aceder mais facilmente a armas de destruição maciça, disseminar a sua rede de contactos e apoios, diversificar e tornar muito mais complexa a sua rede de financiamentos e, acima de tudo, tornar-se num inimigo mais “difuso” e mais “invisível”. A Al-Qaeda, a este respeito, mostrou estar perfeitamente adaptada à era da mundialização.

Quinto, estes terroristas sabem como tirar vantagem das vulnerabilidades inerentes a regimes democráticos, com sociedades abertas e multiétnicas e com liberdades e garantias individuais que normalmente não existem nos regimes onde encontram acolhimento.

Em sexto lugar, o sentimento de insegurança provocado pelo “terrorismo de novo tipo” é aumentado pela consciência de que os meios e as capacidades tradicionais de defesa e de combate, essencialmente militares, não são adequados e revelam-se muito pouco eficazes para lhe fazer face. Em suma, o terrorismo é um inimigo que, sendo cobarde e quase “invisível”, permite aos fracos atacar os fortes, mas vitimando aqueles que são ainda mais fracos. A sua execução é relativamente barata, mas diabolicamente difícil de combater. E não há perigo maior do que enfrentar alguém, cuja racionalidade considera legítimos, todos os meios em função dos seus fins, dispondo-se a todo o tipo de sacrifícios»¹²¹.

7. A AGENDA DA AL-QAEDA ATÉ 2020

O *jihadismo* radical e salafista vive o sonho da restauração do Califado Islâmico. O General Loureiro dos Santos, no seu livro “O Império debaixo de Fogo – Reflexões sobre Estratégia V” transcreve uma tradução sobre “O futuro do terrorismo – o que a Al-Qaeda realmente quer”, publicado na Spiegel online a 12 de Agosto de 2005. Os objectivos estratégicos (intermédios) descritos em sete fases prevêm o estabelecimento final do califado em 2020¹²².

“**A primeira fase**, conhecida como “o despertar”, já foi percorrida, e durou de 2000 a 2003, mais precisamente, dos ataques terroristas de Setembro de 2001 em Nova Iorque e Washington, à queda de Bagdade em 2003. A finalidade dos atentados de 11 de Setembro

foi provocar os Estados Unidos a entrarem em guerra no mundo islâmico, e então, provocar o despertar dos muçulmanos. “Segundo os estrategistas e ideólogos da Al-Qaeda, a primeira fase teve imenso sucesso”, escreve Hussein. “Aberto o teatro de operações, os americanos e os seus aliados tornaram-se num objectivo próximo e fácil”. Também se afirma que a rede terrorista está satisfeita pelo facto de a sua mensagem estar a ser ouvida por todo o lado.

A segunda fase, “abrindo os olhos” é, de acordo com a definição de Hussein, o período em que nos encontramos, que durará até 2006. Diz Hussein que os terroristas esperam que a conspiração ocidental fique ciente da “comunidade islâmica”. Hussein acredita que esta é a fase durante a qual a Al-Qaeda pretende que a organização evolua para movimento. A rede está a investir no recrutamento de jovens, ao longo deste período. O Iraque deverá tornar-se no centro de todas as operações globais, criando aí um “exército” e estabelecendo bases noutros Estados árabes.

A terceira fase é descrita como “progredindo e consolidando”, e deverá durar de 2007 a 2010. “O foco será a Síria”, profetisa Fuad Hussein (jornalista jordano, considerado um especialista sobre a Al-Qaeda) com base no que as suas fontes lhe disseram. Os quadros combatentes já estão supostamente preparados e alguns encontram-se no Iraque. São previstos atentados na Turquia e, com maior intensidade em Israel. Os mentores da Al-Qaeda aguardam que os ataques em Israel os ajudem a que o grupo terrorista venha a ser uma organização conhecida. O autor também crê que os países vizinhos do Iraque, como a Jordânia, ficaram em perigo.

A quarta fase, entre 2010 e 2013, será a altura, segundo Hussein, em que a Al-Qaeda conseguirá o colapso dos odiados governos árabes. A estimativa é que, neste período, “a humilhante perda de poder dos regimes conduzirá ao aumento da força da Al-Qaeda”. Ao mesmo tempo, devem ser desferidos ataques contra os produtores de petróleo e atingida a economia norte-americana, usando o ciberterrorismo.

A quinta fase será o período durante o qual pode ser declarado o Estado Islâmico, ou Califado. O plano é que, por esta altura, entre 2013 e 2016, a influência ocidental no mundo islâmico seja tão reduzida e Israel tenha enfraquecido de tal modo, que a resistência não é de temer. A Al-Qaeda espera que, nesta fase, esteja com capacidade de estar prestes a estabelecer uma nova ordem internacional.

A sexta fase, para Hussein, ocorrerá de 2016 em diante, e no seu decurso haverá um período de “confrontação total”. Logo que o califado tenha sido declarado, o “exército

islâmico” instigará a “luta entre os crentes e os não crentes”, que tem sido frequentemente prevista por Osama Bin Laden.

A **sétima fase**, como etapa final de todo o processo, é descrita como “vitória definitiva”. Hussein escreve que, aos olhos dos terroristas, uma vez que o resto do mundo se encontrará tão enfraquecido, por acção dos “mil e quinhentos milhões de muçulmanos”, o califado prevalecerá, indubitavelmente. Esta fase deverá estar completa até 2020, embora a guerra não deva durar mais do que dois anos.”

É na realidade da ‘ideologia manifesta’, que se expressa a ameaça para o ocidente. É naquilo que Jason Burke define como a terceira fase da Al-Qaeda, “a metodologia, a máxima, o preceito, a norma, a maneira de ver o fim. O núcleo desagregou-se, a ‘rede das redes’ rompeu-se. Hoje, para ser membro da Al-Qaeda basta afirmá-lo”. Porque pertencer à Al-Qaeda “significa não pertencer a nenhum território e não reconhecer a autoridade de nenhuma lei criada pelo homem”. Na prática significa que a estrutura superior deixou de ter capacidade de comando e controlo sobre a organização. Se algo existe em termos de direcção está ”a exercer-se à distância, através de éditos religiosos gerais e da propagação de uma doutrina de ódio e violência, embora usufruindo da celeridade da internet e do telemóvel.” A Al-Qaeda passou a uma lógica de ‘holding’, actuando os seus elementos de base numa lógica de ‘procuração’ ou de ‘franchising’¹²³.

A grande vitória de Bin Laden, accidental ou não, foi a forma como a mensagem se espalhou. Esta nova Al-Qaeda não necessita de uma estrutura de comando centralizada, ela gere-se por si. De tal forma que o terrorismo de matriz islâmica, *jihadista* salafista, passou a ser um fenómeno endógeno do ocidente. É na exclusão social e na inadaptação gradual dos costumes ocidentais que o terrorismo islâmico tem recrutado os seus mártires. Na mesquita ou na madrassa, na prisão, o futuro mártir encontra compreensão e apoio, um sentido de vida e um sentimento de pertença grupal. É no grupo que o futuro mártir se vai sentir valorizado, vai aprender a defender os valores transmitidos de pertença, reagir com indignação e contra-atacar quando se sente ameaçado. Deste modo, na sua lógica e na lógica do grupo, as suas acções são plenamente justificadas. É nas franjas “radicalizadas das comunidades muçulmanas” do ocidente que a Al-Qaeda se alimenta, e a dúvida reside em saber se neste “cavalo de Tróia de milhões de muçulmanos a viver no ocidente, poderá vir a minar este mesmo ocidente a partir do seu interior. Osama Bin Laden lançou a semente¹²⁴.

Olivier Guitta¹²⁵ publicou recentemente um artigo, referindo que a Europa enfrenta actualmente uma tripla ameaça, protagonizada pela Al-Qaeda para o Magrebe Islâmico, a

“Al-Qaeda no Paquistão” e vagamente por grupos associados da Al-Qaeda ou “*ihadistas* solitários”. Salieta ainda que a probabilidade de haver um ataque terrorista, bem sucedido, em solo europeu em 2008, permanece bastante elevada¹²⁶. José Manuel Anes, professor universitário e vice-presidente do Observatório de Segurança, Crime Organizado e Terrorismo, referiu em Lisboa, durante uma conferência sobre terrorismo, realizada na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, na qual foi orador, que as organizações terroristas estão cada vez mais implantadas na Península Ibérica e no Norte de África, apresentando duas realidades distintas de riscos terroristas, uma localizada na Catalunha, em Espanha, e a outra na Argélia e em Marrocos, o que deve ser factor de preocupação para o nosso país¹²⁷.

9. OS DEZ PRINCÍPIOS DO TERROR

Para finalizar, enunciam-se os Princípios do Terror¹²⁸ apresentados por Andrew Sinclair e que ilustram superiormente a evolução deste fenómeno através dos tempos.

O terror é a guerra por métodos extremistas. Os Romanos, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino tentaram estabelecer a distinção entre guerras justas com regras, e combates contra marginais sem restrições. S. Tomás de Aquino adiantou três necessidades para travar uma guerra justa: a autoridade do príncipe, um ataque só àqueles que o mereciam e a convicção dos atacantes de que fariam o bem e evitariam o mal. Nestes conflitos entre poderes soberanos, o Cristianismo exigia um tratamento justo dos inimigos. Mas numa guerra ilegítima ou de guerrilha, todas as atrocidades eram permitidas. Até aos julgamentos dos funcionários nazis em Nuremberga, os crimes de guerra não eram puníveis pela lei internacional. Os militares norte-americanos também consideraram que os prisioneiros da Al-Qaeda eram «combatentes ilegais» e que, como tal, mereciam todos os maus-tratos possíveis.

O terror é o sangue que alimenta a tirania. Ao não resistirmos aos políticos terroristas na fase inicial, permitimos que os Hitlers, os Hirohitos, os Estalines, os Maos e os Pol Pots deste mundo matassem muitas dezenas de milhões de pessoas, muitas vezes os seus próprios compatriotas. Se o avanço dos nazis tivesse sido impedido na Renânia ou o *Anschluss* na Áustria, ou os Japoneses tivessem sido demovidos depois do Saque de Nanquim, quantas vidas se teriam salvo? Seja qual for o custo, a tática do terror tem de ser combatida diariamente; de outro modo, pode tornar-se uma máquina de assassínio em série de um Estado ou grupo pouco recomendável da era tecnológica.

O terror é a arma do marginalizado contra o opressor. Enquanto houver miséria e repressão no mundo, o criminoso célebre será apelativo, mesmo com a sua crueldade. O herói de milhões de explorados do Nordeste do Brasil nos anos 30 da depressão, o capitão Lampião, era um patife que torturava mulheres idosas e dizimava tanto trabalhadores rurais como polícias, ao mesmo tempo que impunha uma moral sexual rigorosa que envolvia a castração de homens sedutores. Financiou o seu grupo através de raptos e de assaltos a bancos. O medo era a sua arma principal, embora parecesse ser um libertador aos olhos da maioria explorada pelos proprietários rurais, que a amedrontavam. Lampião inspirou amor e baladas, assim como o nobre António Silvino e outros barões depredadores do sertão:

*A sua amada era o punhal,
O seu dom era a espingarda...
Deixou os ricos a pedir,
Os bravos caíam-lhe aos pés,
Enquanto outros fugiam da terra.*

O terror é o assassinio a baixo preço. Uma chave de parafusos em segunda mão, que custou dez centavos, matou Elisabeth, a imperatriz da Áustria, vítima de um assassino. Calcula-se que o desvio dos três aviões a jacto que provocaram as tragédias do World Trade Center e do Pentágono tenha custado 100 dólares por cada um dos piratas do ar envolvidos. No país do consumismo, nunca tantos sofreram tanto com tão pouco dinheiro gasto por tão poucos.

O terror é a chicotada nas costas do refugiado. Desde as marchas forçadas dos arménios, passando pelos tártaros da Crimeia enviados para a Sibéria para morrerem com a poluição nuclear até aos habitantes de Phnom Penh, desde a fuga provocada dos gregos da Turquia, dos árabes da Palestina e dos hutus do Ruanda, a crueldade, ou o medo dela, obrigou dezenas de milhões de pessoas a refugiar-se em acampamentos improvisados durante o século XX, muitos dos quais sem esperança de regressarem à sua terra natal.

O terror é a vitória da minoria por métodos inconfessáveis. Dos jacobinos aos bolcheviques, dos fascistas aos membros do Partido *Ba'ath*, as conspirações revolucionárias conseguiram, por vezes, vencer em grandes nações. Os conspiradores vitoriosos sempre usaram a atrocidade e a dissuasão em doses calculadas, para não afastar as multidões antes que estas fossem controladas por uma viciosa polícia secreta, ao serviço do novo Estado.

O terror é a derrota da multidão pela cobardia. Até os tiranos vitoriosos como Mussolini e Hitler ficaram espantados com a ausência de resistência dos seus povos. Eles

desprezavam a multidão apática. À semelhança de Lenine, eles acreditavam que o proletariado precisava de uma ditadura. Apesar de todas as sociedades terem reconhecido, como Pascal, que «a justiça sem a força é um mito», de um modo geral os povos do mundo não conseguiram depor a tempo os seus governantes que recorreram ao uso excessivo da força.

Se estivermos aterrados, podemos vir a ser terríveis para aqueles que nos metem medo. Na Segunda Guerra Mundial, as democracias ocidentais derrotaram as potências fascistas com a sua tecnologia superior, mas não com a sua moralidade. Mesmo assim, a moral das tropas foi alimentada pela odiosa brutalidade nazi. Desde as revoltas camponesas da Idade Média até à Guerra Peninsular contra os exércitos de Napoleão e aos movimentos de guerrilha modernos como o de Cuba, assim que a opressão se tornou insuportável, até a população assustada começou a ripostar e acabou por provocar a queda do governo.

O terror mede-se pela escala das suas vítimas, e não pelo mérito da sua causa. A tecnologia moderna tornou-nos capazes de matar à escala das dezenas de milhões em vez das dezenas de milhares. Só o número invulgar de baixas no coração do país fez que os Estados Unidos desencadeassem uma guerra no Afeganistão e lançassem a primeira campanha internacional contra o terrorismo. Como decidi-mos continuar a produzir máquinas e produtos químicos de destruição maciça, tanto nucleares como biológicos, e como não consegui-mos controlar a sua proliferação, o preço de nos livrarmos do terror continuará a ser a vigilância constante.

Tolerar o terrorismo não é uma virtude. O lugar-comum de que o terrorista de hoje é um combatente da liberdade de amanhã não tem qualquer mérito. As causas perdidas, como a luta terrorista por um Curdistão independente ou por uma pátria basca, implicam o assassínio sem qualquer esperança de vitória. Outros grupos rebeldes resistentes, como o Exército Republicano Irlandês, matam e estropiam centenas de pessoas e só conseguem chegar ao cemitério, mas nunca a uma Irlanda unida, que só se alcançará através da diplomacia. O terror acompanhar-nos-á sempre, porque existirá sempre um fosso injusto entre os países ricos e os países pobres. A mão ávida da globalização sufocará as pequenas economias famintas. Contudo, hoje não há guerras justas para travar. Como muito bem disse o primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon, «não há bom terrorismo nem mau terrorismo. Há apenas terrorismo». O problema está em opormo-nos a ele, mas sem o usarmos.

* Major de Infantaria, da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, John, Acção Directa – Dicionário de Terrorismo e Activismo Político, Lisboa, Hugin, Fevereiro de 1999.
- CHALIAND, Gérard e Blin, Arnaud (dir.), Histoire du Terrorisme – De l'Antiquité à Al Qaida, Bayard, Paris, Março de 2004.
- COUTO, Abel Cabral, Elementos de estratégia: apontamentos para um curso, Vol. I, Lisboa, Instituto de Altos Estudos Militares, 1989.
- DE ARÍSTEGUI, Gustavo, La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005.
- DUARTE, Felipe Pathé, No Crepúsculo da Razão, Lisboa, Edição Prefácio, 2007.
- FERREIRA, Pedro Antunes, O Novo Terrorismo, Lisboa, Prefácio, 2006.
- FRANCK, Claude e Herszlikowicz, Michel, O Sionismo, Mem Martins, Publicações Europa-América, colecção saber, n.º 147.
- LABIN, Suzanne, A Violência Política, Porto, Lello & Irmão Editores, Abril de 1981.
- LEWIS, Bernard, A Crise do Islão – Guerra Santa e Terror Ímpio, Lisboa, Relógio D'Água, Janeiro de 2006.
- LOPES, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002.
- MARTINS, Manuel Gonçalves, Relações e Desafios Internacionais na Era da Globalização, Sintra, edição de autor, 2003,
- NEVES, Oscar e Zander, Filipe, (dir.); «Terror Internacional - reféns, sequestros e bombas nos anos 70», in Guerra na Paz (com base em War in Peace, Orbis Publishing Co. Londres), Vol. 4, Rio de Janeiro, Brasil, Editora Rio Gráfica Lda., 1984.
- ROGEIRO, Nuno, Guerra em Paz – A Defesa Nacional na Nova Desordem Mundial, Lisboa, Hugin, Outubro de 2002.
- SANTOS, Loureiro dos, Reflexões sobre Estratégia – Temas de Segurança e Defesa, Lisboa, Publicações Europa-América, Março de 2000.
- SANTOS, Loureiro dos, Segurança e Defesa na Viragem do Milénio – Reflexões sobre Estratégia II, Lisboa, Publicações Europa-América, Setembro de 2001.
- SANTOS, Loureiro dos, A Idade Imperial – A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III, 2ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, Fevereiro de 2003.
- SANTOS, Loureiro dos, Convulsões – Ano III da «Guerra ao Terrorismo» Reflexões sobre Estratégia IV, Lisboa, Publicações Europa-América, Abril de 2004.
- SILVA, Manuel da, Terrorismo e Guerrilha – Das Origens à Al-Qaeda, Lisboa, Edições Sílabo, 1ª edição, 2005.
- SINCLAIR, Andrew, Anatomia do Terror – uma história do terrorismo, Lisboa, Temas e Debates, Fevereiro de 2005.
- SOUSA, Fernando de, (dir.), Dicionário de Relações Internacionais, Porto, Edições Afrontamento/CEPESE, Junho de 2005.
- TOMÉ, Luís Leitão, Novo Recorte Geopolítico Mundial, Lisboa, Edição UAL, 2004.
- TOWNSHEND, Charles, O Terrorismo, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 1ª edição, Maio de 2006.

MONOGRAFIAS

- CORREIA, Natalino, Tese de Licenciatura em Ciências Policiais/PSP: O Papel das Forças e Serviços de Segurança Portugueses face ao Terrorismo Internacional.

JORNAIS E REVISTAS

DUJISIN, Zoltán, Expresso, Lisboa, 1º Caderno – Internacional, edição de 19/01/2008.

FÉLIX, Carla Sofia, Breve incursão histórica, social e psicológica sobre o terrorismo, «Nação e Defesa»: Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, ISSN 0870-757X, 2ª série, n.º 109, Outono - Inverno de 2004.

FERREIRA, João José Brandão, O terrorismo à luz da História, in Expresso, Lisboa, edição de 31/07/2004.

JANUS 2003 – anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Novembro, 2002, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

JANUS 2005 – anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Dezembro, 2004, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

VEGA, Elena de la, Guerrilheiras e Maquilhagem, Lisboa, revista Sábado, n.º 197, edição de 07/02/2008.

INTERNET

http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/JC06Ak01.html

<http://counterterrorismblog.org/mt/pings.cgi/4978>

<http://www.defesa.ufj.br/tfs/terrorismo.pdf>

<http://www.instituteforcounterterrorism.org/>

<http://www.intelligence.org.il>

<http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>

<http://www.jornaldefesa.com.pt/>

<http://www.psicologia.org.br/internacional/terr.html>

<http://www.terrorism.com>

<http://www.un.org>

http://www.unicamp.br/ifch/romano/razão_terrorista.pdf

<http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/37191.html>

NOTAS:

¹ Major de Infantaria, da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

² Cooper, Robert, Ordem e Caos no século XXI, Lisboa, Editorial Presença, 2006, pp. 9-11.

³ L. Bonanate, Dimensioni des terrorismo político, Madrid, Centro de Publicaciones del Ministerio de Justiça, 1985, pág. 31, citado por Natalino Correia, in Tese de Licenciatura em Ciências Policiais/PSP: O Papel das Forças e Serviços de Segurança Portugueses face ao Terrorismo Internacional.

⁴ Duarte, Felipe Pathé, No Crepúsculo da Razão, Lisboa, Edição Prefácio, 2007, pág. 85.

⁵ Kofi, Annan, Press Release SG/2095, acessível em <http://www.un.org/news/press/docs/2005/sg2095.doc.htm>.

⁶ Amby, Kristian, Organizações classificadas como terroristas pela UE e pelos EUA, in Janus 2003, e Anuário de Relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da Universidade Autónoma de Lisboa, Público, Novembro, 2002, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ Para mais informação consultar, <http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/37191.htm>.

⁹ In Face of Terror, Arabies Trends, Abril de 2000, pág. 28. Informação coligida do Curso Elementar de Terrorismo Internacional, ministrado no Comando Geral da GNR em Maio de 2004.

¹⁰ De Arístegui, Gustavo, La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pág.61.

¹¹ Para mais informação, cfr. Borges, João Vieira, Terrorismo: razões da ausência de um conceito comum,

Lisboa, Instituto de Defesa Nacional, Newsletter n.º 11, Abril de 2006.

¹² In Manual policopiado do Curso de Segurança Pessoal, do Batalhão Operacional do Regimento de Infantaria da GNR, pág. 3.

¹³ Cfr. Santos, José Loureiro dos, *A Idade Imperial*, 2ª edição, Lisboa: Publicações Europa-América, 2003, pp. 90-92. Também acessível em

<http://www.cfrterrorism.org/terrorism/types.html>.

¹⁴ Cfr. Duarte, Felipe Pathé, *op. cit.*, pág. 22. Na cultura grega, o assassino de um tirano elevava-se ao nível dos heróis. Segundo Aristóteles, aquele que mata o tirano é um herói porque elimina quem é culpado de excessos. Por oposição, aquele que mata o ladrão não é um herói porque os crimes praticados por este, resultam das suas necessidades vitais de sobrevivência. Desde logo, Aristóteles dissociou o tiranicídio do crime comum. Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), *Histoire du Terrorisme – De l'Antiquité à Al Qaida*, Bayard, Paris, Março de 2004, pág. 89.

¹⁵ Labin, Suzanne, *A Violência Política*, Porto, Lello & Irmão Editores, Abril de 1981, pp. 230-231.

¹⁶ Mazetto, Francisco de Assis Penteado, *O Terrorismo na História*, Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora, acessível em <http://www.defesa.ufjf.br/terrorismo.pdf>, consultado em 10/03/2008.

¹⁷ Félix, Carla Sofia, Breve incursão histórica, social e psicológica sobre o terrorismo, *Nação e Defesa* n.º 109 - 2ª série, Outono - Inverno de 2004, pág. 156.

¹⁸ Duarte, Felipe Pathé, *op. cit.*, pp. 25 e 26.

¹⁹ A palavra jihad deriva da raiz trilítera J-H-D (de onde provém também a palavra muJaHiDin), segundo a explicação de Fernando Branco Correia, do Gabinete de Estudos Árabes do Departamento de História da Universidade de Évora. Pode significar «esforçar-se por», «batalhar», «aplicar-se», mas também «ir ao limite do possível, não excluindo, porém, a possibilidade de haver luta. Adalberto Alves, em Portugal e o Islão – Escritos do Crescente, também salienta que, etimologicamente, jihad radica no conceito de «esforço». «Uma tradição [...] do Profeta, que regressava de uma campanha contra inimigos exteriores, distingue entre a "grande guerra santa" e a "pequena guerra santa", privilegiando a primeira como a luta que o homem trava com a sua alma em direcção ao Criador.» O islamólogo francês Dominique Sourdel, por seu turno, refere que jihad não é um dever pessoal mas um «dever solidário», cuja concepção não foi fixada senão após a morte de Maomé. A jihad não é, de um modo geral, considerada uma das obrigações fundamentais dos muçulmanos. Assumida como «guerra santa» por um número restrito de membros da Comunidade (Umma), ela deve ser dirigida contra «os povos infiéis vizinhos do território do Islão», mas só depois de eles se recusarem à conversão. Para mais informação consultar, Lopes, Margarida Santos, *Dicionário do Islão*, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 93.

²⁰ Mazetto, Francisco de Assis Penteado, *op. cit.*, pág. 3.

²¹ Duarte, Felipe Pathé, *op. cit.*, pp. 27 e 28.

²² Ferreira, João José Brandão, *O terrorismo à luz da História*, in *Expresso*, Lisboa, edição de 31/07/2004, pág. 30.

²³ Félix, Carla Sofia, Breve incursão histórica, social e psicológica sobre o terrorismo, *Nação e Defesa* n.º 109, 2ª série, Outono - Inverno de 2004, pág. 156.

²⁴ Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), *op. cit.*, pp. 63 a 65.

²⁵ Félix, Carla Sofia, *op. cit.*.

²⁶ Mazetto, Francisco de Assis Penteado, *op. cit.*.

²⁷ Vestefália/Sistema Vestefaliano - Tipo de organização internacional que define o actual sistema internacional composto por Estados. Em 1648, a paz de Vestefália pôs fim à guerra dos trinta anos, a última grande guerra religiosa e a primeira guerra dos Estados modernos. Numa análise retrospectiva, podemos dizer que o Tratado (na verdade, foram assinados dois Tratados em separado, nomeadamente um pelos líderes protestantes em Osnabruck e outro pelos católicos, em Munique) deu origem à cristalização da instituição dominante na organização internacional, ou seja, o Estado territorial soberano. Assim, nestes documentos foi definido o princípio básico da soberania - segundo o qual o sistema internacional tem vindo a operar há mais de 350 anos - que consiste na exclusividade da autoridade interna do governo. A partir deste momento, definiu-se que, no território pertencente a um Estado, nenhum poder exterior - incluindo o Papa - tem o direito de exercer qualquer tipo de autoridade política ou jurisdição legal. Neste sentido, quando hoje falamos de sistema internacional, usualmente referimo-nos a este sistema territorial estatal e definimos as relações de política internacional como relações onde não existe um poder acima dos Estados. In Sousa, Fernando de, (dir.), *Dicionário de Relações Internacionais*, Porto, Edições Afrontamento/CEPESE, Junho de 2005, pág. 202.

²⁸ Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), *op. cit.*, pp. 97 e 101.

²⁹ Para mais informação cfr. Andress, David, *O Terror - A Guerra Civil na Revolução Francesa*, Porto, Civilização Editora, 2008.

³⁰ Ferreira, Pedro Antunes, *O Novo Terrorismo*, Lisboa, Prefácio, 2006, pág. 30.

³¹ Após a Revolução Francesa, surge com a invasão da Península Ibérica em 1808 pelos exércitos de Napoleão, o termo guerrilha que designava o movimento de resistência da população local aos exércitos napoleónicos. Alguns autores consideram mesmo que na Guerra Peninsular é possível encontrar a origem de algumas táticas e estratégias, que viriam a ser aplicadas durante os movimentos de libertação nacionais do século XX. A partir deste momento é comum encontrar na história a ligação entre a guerrilha e o terrorismo. O recurso aos actos de terror surge muitas vezes como uma extensão da guerrilha. Quando a guerrilha não tem capacidade para combater de um modo convencional, inicia acções de terrorismo selectivo ou sistemático. Desta forma, o termo perdeu o seu significado de instrumento estatal. O conceito de terrorismo passou a designar os actos de violência organizada, com a finalidade de intimidar ou suprimir os adversários políticos. Cfr. Ferreira, Pedro Antunes, *op.cit.*, pág. 30.

³² Cfr. Tzu, Sun, *A Arte da Guerra*, Lisboa, Edições Silabo, 1ª edição, 2006, pp. 91 a 98 e 121 a 129.

³³ Félix, Carla Sofia, *op.cit.*, pág. 158.

³⁴ Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), *op. cit.*, pág. 106.

³⁵ Para mais informação sobre a evolução histórica dos anarquismos no Ocidente, incluindo o percurso político e doutrinário dos seus fundadores, cfr. Préposiet, Jean, *História do Anarquismo*, Lisboa, Edições 70 Lda., Setembro de 2007.

³⁶ O conceito de terrorismo sistemático e a sua utilização em estratégias revolucionárias surgiu em muitos escritos de revolucionários russos. Mikhail Bakunin (1814-1876), no *Der Revolutionskateschismus* ("Catecismo Revolucionário"), publicado em 1869, apresentava as regras base de conduta para um terrorista. O criminoso seria o revolucionário sincero na Rússia. Um revolucionário sem teoria, nem retórica livresca. O criminoso era, sem dúvida, um revolucionário, não pelas suas ideias, mas pelas suas acções. Era o inimigo, por excelência, do Estado e de toda a ordem social. Para Bakunin, uma revolução verdadeiramente popular só poderia acontecer na Rússia se houvesse uma rebelião unida entre os camponeses e criminosos. Todo aquele que aspirasse à revolução devia imiscuir-se no submundo da criminalidade, uma realidade cruel e desumana, fruto da opressão governamental. Para Bakunin, o final deste submundo da criminalidade seria a morte do povo, mas também a sua libertação final. Com uma união entre terroristas e criminosos, o poder da revolução seria incomensurável. Bakunin talvez tenha sido o precursor da aliança tática entre o terrorismo e o crime organizado. No fundo propõe a criação de um "exército revolucionário" assente numa aliança entre a vanguarda iluminada e o *lumpen*. Contudo, nele há uma clara rejeição de todo o intelectualismo marxista. Na mente de um revolucionário devia estar constantemente a ideia de destruição. O revolucionário devia ser um homem perdido, sem qualquer tipo de interesse, pertença ou laço afectivo, não devia sequer ter nome. Devia ser um homem que se tivesse divorciado da sociedade, das leis e das convenções. Um homem sem valores e sem moral, mas apenas com um único interesse e objectivo, a revolução. A insensibilidade, o calculismo e a austeridade, eram um dos requisitos mínimos para um bom revolucionário. Este, devia aparentar ser quem na realidade não era, devia infiltrar-se na sociedade, na Igreja, no mundo dos negócios, na polícia ou no exército, tendo sempre um objectivo, conhecer para destruir. Cfr. Duarte, Felipe Pathé, *op.cit.*, pp. 44 e 45.

³⁷ Ilich Ramírez Sánchez, conhecido como Carlos, o Chacal, (Caracas, 12 de Outubro de 1949) é um autodenominado revolucionário de esquerda e mercenário. A sua alcunha foi-lhe dada pela imprensa, após ser encontrado no seu quarto de Hotel, o livro de Frederick Forsyth "O Dia do Chacal". Em 14 de Agosto de 1994, durante o seu internamento numa clínica em Cartum (capital do Sudão) para uma operação aos testículos, Carlos foi adormecido com anestesia geral, conduzido ao aeroporto e colocado num jacto do Governo francês, com destino a uma das cadeias de alta segurança dos arredores de Paris. A 23 de Dezembro de 1997 foi condenado pelo Tribunal Especial Criminal de Paris, com a pena de prisão perpétua. Para mais informação, cfr. Sterling, Claire, *A Rede do Terror – a guerra secreta do terrorismo internacional*, Mem Martins, Publicações Europa-América, pp. 135 a 174.

³⁸ Gomes, Carlos, *História do terrorismo tem a Idade do Homem*, in *Jornal de Notícias*, Porto, edição de 24/08/2003.

³⁹ Ferreira, Pedro Antunes, *op.cit.*, pp. 32-34.

⁴⁰ Townshend, Charles, *O Terrorismo*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 1ª edição, Maio de 2006, pág. 35.

⁴¹ Ferreira, Pedro Antunes, *op.cit.*, pág. 34.

⁴² O sionismo tem por origem etimológica o monte Sião, localizado nos arredores de Jerusalém, e que simboliza, há três milénios, os laços indissolúveis que unem o povo judeu, a religião hebraica e a Terra de Israel. Este movimento político, formalmente fundado em 1897, afirma o direito à existência de um Estado Judaico, desenvolveu-se a partir da segunda metade do século XIX, em especial entre os Judeus da Europa Central e da Europa de Leste, sobre a pressão das perseguições e do anti-semitismo crónico destas regiões, mas também na Europa Ocidental, no seguimento do choque causado pelo caso Dreyfus. A partir de 1917 o movimento focou-se definitivamente no estabelecimento de um estado na Palestina, a localização do antigo

Reino de Israel. Para mais informação cfr. Franck, Claude e Herszlikowicz, Michel, O Sionismo, Mem Martins, Publicações Europa-América, «coleção saber», n.º 147.

⁴³ Townshend, Charles, *op. cit.*, pp. 87-90.

⁴⁴ Idem, *ibidem*.

⁴⁵ Dorfman, Ariel, *Che Guevara*, in Time magazine, New York, Vol. 153, n. 23, 14/06/1999, pp. 124 a 127.

⁴⁶ O Instituto de Arte de Maryland considerou a fotografia de Korda, "a mais famosa do mundo e um símbolo do século XX. Cfr. em <http://www.art-for-a-change.com/Month/korda.htm>, consultado 03/03/2008.

⁴⁷ Silva, Manuel da, Terrorismo e Guerrilha – Das Origens à Al-Qaeda, Lisboa, Edições Sílabo, 1ª edição, 2005, pp. 124 a 141.

⁴⁸ Com os seus 7500 km de comprimento, é a mais extensa cordilheira do Mundo: domina a costa ocidental de toda a América do Sul desde a Venezuela até à Terra de Fogo, na costa do Pacífico. A sua altitude máxima (Aconcágua) é de 7040 metros. Ergue-se a mais de 4000 metros de altitude sobre fossas oceânicas (das quais algumas atingem 6000 metros de profundidade), para descer até aos planaltos do Este, que não ultrapassam os 500 metros. Nesta extensa região montanhosa, formada no fim da Era Terciária, que pertence à cintura de fogo do Pacífico, são frequentes os tremores de terra e as erupções vulcânicas. Enquadram planaltos, cuja altitude varia entre 3000 e 4000 metros (Peru, Bolívia), ou vales encaixados (Chile). O Amazonas e alguns dos seus maiores afluentes nascem nos Andes. Tem lagos, como o Titicaca, que é um dos mais altos do Mundo. Na região intertropical da cordilheira, a altitude determina três zonas climáticas: abaixo dos 1000 metros, há clima tropical ou equatorial; entre 1000 e 3000 metros, ficam as terras de clima temperado; acima de 3000 metros, as «terras frias» são regiões desoladas que se chamam, por vezes, páramos, espécie de landes onde crescem arbustos. A agricultura está condicionada aos diferentes climas. Há por vezes, no território da mesma comuna, culturas tropicais (café, cana-de-açúcar, cacau) e, mais acima, trigo, milho e batata. A criação de carneiros, lamas e alpacas constitui um dos principais recursos da população rural, na sua maioria índia. Os jazigos de minério das regiões vulcânicas são dos mais ricos do Mundo: prata, ouro e platina e também antimónio, cobre, estanho, ferro, molibdénio, mercúrio, chumbo, tungsténio, zinco e pedras preciosas (principalmente esmeraldas). Guedes, Fernando, (direcção geral), Andes, in *A Enciclopédia*, vol. 2, edição, Verbo SA – Jornal Público, Lisboa, 2004, pp. 494 a 495.

⁴⁹ Para mais informação, consultar o manual, disponível on-line, in Marxists Internet Archive – Sección en Español, acessível em <http://www.marxists.org/espanol/guevara/guerra/index.htm>.

⁵⁰ Silva, Manuel da, *op.cit.*

⁵¹ Idem, *ibidem*.

⁵² Idem, *ibidem*.

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴ Para mais informação, consultar o manual, disponível on-line, em

<http://www.marxists.org/portugues/marighella/1969/06/manual/index.htm>

⁵⁵ Silva, Manuel da, *op.cit.*

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁹ Ferreira, Pedro Antunes, *op.cit.*, pág. 35.

⁶⁰ Townshend, Charles, *op.cit.*, pág. 49.

⁶¹ Bilbao, 31 de Julho de 1959. Um grupo de estudantes radicais, dissidentes do colectivo EKIN, criado em 1952, para reagir contra a passividade e o comodismo do Partido Nacional Basco (PNB), fundam a ETA. O nascimento da ETA é uma alternativa ideológica aos postulados do PNB, com quatro pilares básicos: a defesa dos Bascos, o etnicismo (como fase superadora do racismo), o anti-espanholismo e a independência dos territórios que reivindicam como pertença do País Basco: Álava, Vizcaya, Guipúzcoa, Navarra (em Espanha), Lapurdi, Baja Navarra e Zuberoa (em França). Cfr. «Así nació la banda terrorista», in Especial ETA – La Ditadura del Terror, El Mundo, Madrid, acessível em <http://www.elmundo.es/eta/historia/index.html>, consultado em 19/03/2008.

⁶² Para mais informação sobre o atentado a Carrero Blanco - Operação Ogro, Cfr. L., Alvaro Baeza, ETA Nacio en un Seminario - El Gran Secreto, Historia de ETA (1952-1995), ABL Press ABL, Coleção «Buhardilla Vaticana», n.º 11, Espanha, 1995, pp. 499 a 552.

⁶³ Townshend, Charles, *op.cit.*, pág. 83 a 85.

⁶⁴ Manuel Gonçalves, Relações e Desafios Internacionais na Era da Globalização, Sintra, edição de autor, 2003, pág. 495.

⁶⁵ Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 496.

⁶⁶ Em 7 de Junho de 1982, Erkut Arkbak, adido comercial da Embaixada da Turquia em Lisboa, foi vítima de um atentado, em Linda-a-Velha, do qual resultou a morte deste e ferimentos graves na sua mulher, que faleceu posteriormente. O atentado foi reivindicado pelo Exército Revolucionário Arménio.

Cfr. <http://www.sis.pt/pt/historia/democrac.php>, consultado em 22/02/2008. No mesmo ano, a 27 de Julho, um comando arménio de cinco homens assalta a Embaixada da Turquia em Lisboa, tendo elementos da segurança pessoal da PSP conseguido resgatar a família do Conselheiro. Morreram os cinco assaltantes, um polícia português e a esposa do diplomata turco. Cfr. Carrilho, Luís Ribeiro, «Doutrina tática e estratégica na gestão da actividade operacional: a Segurança Pessoal», *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*, 08/10/2007,

http://www.jornaldefesa.com.pt/opiniao_v.asp?id=519, consultado em 22/02/2008.

⁶⁷ Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 496.

⁶⁸ Schweitzer, Yoram, «Suicide Terrorism: Development & Characteristics», *International Institute for Counter-Terrorism*, 21/04/2000, URL: <http://www.ict.org.il/apage/10729.php>, consultado a 22/02/2008.

⁶⁹ As voluntárias da morte são programadas pelos independentistas tamil, como máquinas de alta precisão, em campos de treinos, situados em Wannai – Sri Lanka, onde são submetidas a provas brutais, tais como esta adaptação do método de “pompoar” (a palavra é originária do tamil, ou tâmul, idioma do Sri Lanka e sul da Índia, onde esta técnica surgiu há milhares de anos. O pompoarismo é a contracção voluntária do pubococcígeo, músculo principal da região vaginal, pelo que a mulher que domina a técnica fica com a musculatura da vagina forte): “habitavam aquelas que, como eu, não eram virgens a passar um dia com uma granada na vagina”. cfr. Lévy, Bernard-Henri, *Reflexões sobre a Guerra, o Mal e o Fim da História*, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Setembro de 2002, pág. 39.

⁷⁰ Cfr. Gomes, Daniela Siqueira, «O Terrorismo Suicida Feminino: o caso dos Tigres Tamil», *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*, 07/02/2008, URL: http://www.jornaldefesa.com.pt/noticias_v.asp?id=556, consultado em 23/02/2008.

⁷¹ Idem, *ibidem*. Para mais informação sobre o recrutamento e formação cfr. Lévy, Bernard-Henri, *Reflexões sobre a Guerra, o Mal e o Fim da História*, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Setembro de 2002, pp. 37 a 53.

⁷² Cfr. Costa, José Martins Barra da, *O Terrorismo e as FP 25 Anos depois*, Lisboa, Colibri, Junho de 2004.

⁷³ Durante o período áureo das Brigadas Vermelhas, a Itália foi marcada pelo cruzamento de três tipos de terrorismo: o terrorismo da máfia, o terrorismo vermelho (extrema-esquerda) e o terrorismo negro (extrema direita). Para mais informação cfr. Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 486.

⁷⁴ Idem, *ibidem*, pp. 69 e 70.

⁷⁵ Idem, *ibidem*.

⁷⁶ Idem, *ibidem*, pp. 75-77.

⁷⁷ Este grupo resultou de uma cisão na FPLP. Ahmad Jibril justificou a formação desta facção na OLP, dizendo que queria centrar a sua acção mais na luta e menos na política. Para mais informação cfr. Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 502.

⁷⁸ Para mais informação cfr. Militares americanos capturam Abu Abbas em Bagdad, in «Dossier Iraque, Público», Lisboa, edição de 15/04/2003, acessível em <http://dossiers.publico.pt/noticia.aspx?idCanal=1041&id=473414>, consultado em 21/03/2008.

⁷⁹ Cfr. Lopes, Margarida Santos, 1925-2008 George Habash O médico que fez da pirataria aérea uma arma, in Público, edição de 29/01/2008.

⁸⁰ Em 6 de Setembro de 1970, comandos da FPLP sequestraram o voo 741 da TWA, entre Frankfurt e Nova Iorque e o voo 100 da Swiss Air, de Zurique para Nova Iorque, desviando-os para um aeródromo desactivado, no deserto da Jordânia. Os terroristas desviaram também, o voo 93 da Pan Am, de Amesterdão para Beirute e, em seguida, para o Cairo. A 9 de Setembro, outro comando da FPLP sequestrou o voo da British Overseas Airways Corporation, no Barein, para a mesma pista jordana, em Campo Dawson. Posteriormente os terroristas retiraram os passageiros e explodiram os aviões. Para mais informação cfr. Raab, David, *Terror in Black September: An Eyewitness Account*, Middle East Quarterly, Fall 2007, vol. 14, n.º 4, pp. 33-42, acessível em <http://www.meforum.org/article/1768>, consultado em 12/03/2008.

⁸¹ Neves, Oscar e Zander, Filipe, (dir.); «Terror Internacional - reféns, sequestros e bombas nos anos 70», in *Guerra na Paz*, Vol. 4, Rio de Janeiro, Brasil, Editora Rio Gráfica Lda., 1984, pp. 841 a 847.

⁸² De Arístegui, Gustavo, *La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al Andalus*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pp. 161-162.

⁸³ Lewis, Bernard, *A Crise do Islão – Guerra Santa e Terror Ímpio*, Lisboa, Relógio D’Água, Janeiro de 2006, pág. 130.

⁸⁴ Em 10/04/1983, um comando palestiniiano da organização Abu Nidal, executou Issan Sartawi, (representante da OLP no Congresso da Internacional Socialista) no átrio do Hotel Montechoro, no Algarve. Cfr. <http://www.sis.pt/pt/historia/issam.php>, consultado em 22/02/2008.

⁸⁵ Cfr. Sterling, Claire, *op. cit.*

⁸⁶ Townshend, Charles, *op.cit.*, pp. 31 a 33.

⁸⁷ Mazetto, Francisco Assis Penteado, *op. cit.*

⁸⁸ Townshend, Charles, *op. cit.*, pág. 91.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, pág. 9.

⁹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 32 e 33.

⁹¹ Para mais informação cfr. Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pp. 491 - 493.

⁹² O xeque Ahmed Ismail Yassin, fundador do Hamas, foi eliminado, em 22/03/2004, através de um míssil disparado de um helicóptero israelita. Para mais informação cfr. Carneiro, Emanuel, Porta aberta para o caos, in *Jornal de Notícias*, Porto, edição de 23/03/2004, pp. 3 a 5.

⁹³ cfr. Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 501.

⁹⁴ Para mais informação cfr. Pinto, Maria do Céu, A Palestina sob o Hamas, in *Público*, Lisboa, edição de 28/01/2006.

⁹⁵ Tomé, Luís Leitão, *Novo Recorte Geopolítico Mundial*, Lisboa, Edição UAL, 2004, pág. 176.

⁹⁶ Para mais informação sobre a “guerra justa” cfr. Brodbeck, Rafael Vitola, «Da guerra justa», in *Jus Navigandi*, 05/2006, acessível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8402>, consultado em 21/03/2008.

⁹⁷ Para mais informação Cfr. <http://www.state.gov/s/ct/rls/fs/37191.htm>.

⁹⁸ O Acordo de Belfast (também conhecido por Acordo de Sexta-feira Santa) foi assinado em Belfast em 10 de Abril de 1998 pelos Governos Britânico e Irlandês e apoiado pela maioria dos partidos políticos da Irlanda do Norte. Foi também apoiado pela maioria dos votantes tanto na Irlanda do Norte como na República da Irlanda chamados a pronunciar-se em referendos separados, em Maio de 1998. O acordo tinha por finalidade acabar com os conflitos entre católicos e protestantes e o referendo foi votado favoravelmente por larga maioria tanto na República da Irlanda como na Irlanda do Norte. Cfr. Belfast Agreement, acessível em <http://cain.ulst.ac.uk/events/peace/docs/agreement.htm>. Cfr. Rodrigues, Pedro Caldeira, IRA escolhe via pacífica ao fim de 35 anos de luta armada, in *Público*, Lisboa, edição de 29/07/2005.

⁹⁹ As FARC foram criadas em 1964, pelo partido Comunista, como organização de autodefesa dos camponeses contra os grupos paramilitares. Com um força semi-regular de mais de 7.000 elementos, são consideradas a mais antiga, forte e bem equipada das guerrilhas da América Latina, in Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 505. «(...) As FARC arrecadam centenas de milhões de dólares por ano com as suas actividades criminosas, que incluem roubo e contrabando de automóveis, extracção ilegal de minérios, produção e tráfico de drogas, extorsão e rapto. Cobram ainda um Imposto de Paz, ao abrigo da sua lei 002, a todos aqueles que tenham mais de 1 milhão de dólares – se não pagarem, são presos até liquidarem o imposto, tal com faria qualquer governo. (...) Quase metade dos membros das FARC são mulheres e o seu número tem vindo a aumentar. (...)», in Vega, Elena de la, *Guerrilheiras e Maquilhagem*, Lisboa, revista Sábado, n.º 197, edição de 07/02/2008, pág. 84.

¹⁰⁰ Na década de 90 do século passado, o Estado Colombiano tolerou a formação de grupos paramilitares de extrema-direita que arrebatarem várias regiões à guerrilha marxista, substituindo-se ao próprio Estado na aplicação da lei, e criando uma economia baseada na extorsão e nos negócios ilícitos. In Dujisin, Zoltán, *Expresso*, Lisboa, 1º Caderno – Internacional, edição de 19/01/2008, pág. 36.

¹⁰¹ Grupo fundado nos anos 60 do século passado, no Perú, por Abimael Gusman (professor universitário) de formação marxista-maoista, e uma das organizações mais violentas da sociedade internacional. Nos anos 80 do século XX, pôs a ferro e fogo a zona andina do país, num conflito que provocou milhares de vítimas. A prisão do líder em Setembro de 2002 e de outros líderes em 1995, prestigiaram extraordinariamente o Presidente Fujimori, continuando o movimento, actualmente activo, sobretudo nas zonas rurais. In Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 504.

¹⁰² Movimento de orientação marxista-leninista, foi fundado em 1983 e dedica-se sobretudo a acções de guerrilha urbana (atentados, emboscadas, raptos e assassinatos de agentes das forças de segurança. Tornou-se famoso com o assalto e a ocupação da Embaixada Japonesa em Lima (Dezembro de 1996 a Abril de 1997). In Martins, Manuel Gonçalves, *op. cit.*, pág. 504. Para mais informação acerca do assalto à embaixada do Japão, cfr. Vários, Lima: Notícia de um Sequestro, Lisboa, revista Visão, n.º 197, edição de 26/12/1996 a 01/01/1997, pp. 50 a 58.

¹⁰³ Tomé, Luís Leitão, O 11 de Setembro e o terrorismo de novo tipo, in *Janus* 2003, anuário de relações exteriores, Lisboa, Observatório de Relações Exteriores da UAL, Público, Novembro, 2002, acessível em <http://www.janusonline.pt/dossiers/dossiers.html>.

¹⁰⁴ Ferreira, Pedro Antunes, *op. cit.*, Lisboa, Prefácio, 2006, pp. 36.

¹⁰⁵ Ferreira, Pedro Antunes, *op. cit.*

¹⁰⁶ Ibañes, Luís de la Corte, e Jordán, Javier, *La Yihad Terrorista*, Madrid, Editorial Síntesis S.A., 2007, pp. 76 a 78.

¹⁰⁷ Cfr. Gunaratna, Rohan, *No Interior da Al-Qaeda – rede global do terror*, Lisboa, Relógio D’Água, Outubro, 2004.

¹⁰⁸ Para mais informação consultar Faria, José Augusto do Vale, Nova era *jihadista* no Magrebe, in revista da GNR «Pela Lei e Pela Grei», n.º 75, Julho-Setembro e n.º 76, Outubro-Dezembro, de 2007. Está acessível on-line, no sítio do Jornal de Defesa e Relações Internacionais, <http://www.jornaldefesa.com.pt/>.

¹⁰⁹ O Islão não avança, galopa. Em 1973, havia 500 milhões de crentes e o número ascende agora a 1,2 milhões de crentes. A demografia pelo fulgor da sua explosão, torna-se por sua vez um sinal religioso que convence os indecisos a juntarem-se à *Umma*. Esta comunidade reparte-se entre as falhas geográficas, as rupturas económicas e os tribalismos. Ela é europeia, americana, africana, asiática, burguesa, revolucionária. É cidadina e camponesa, nómada e sedentária. Defende a *jihad* e é pacifista. Martiriza e é mártir. É dominante e exilada, global e fragmentada. A *Umma* é todo o planeta. Cfr. Gozlan, Martine, O Fascínio do Islão, Mem Martins, Publicações Europa-América, Maio de 2007, pp. 18 e 19.

¹¹⁰ Cfr. Gunaratna, Rohan, *op. cit.*, pp. 72 a 74 e 120 a 126.

¹¹¹ Lawrence, Bruce, Coordenação de, Mensagens de Osama Bin Laden ao Mundo, 1ª edição, Temas & Debates, Setembro de 2006, pp. 71 a 75.

¹¹² Félix, Carla Sofia, *op.cit.*, pp. 159-160.

¹¹³ Santos, José Loureiro dos, *op. cit.*, pág. 85.

¹¹⁴ Ferreira, João José Brandão, *op. cit.*.

¹¹⁵ Chaliand, Gérard et Blin, Arnaud (dir.), *op. cit.*, pág. 401.

¹¹⁶ Teixeira, Nuno Severiano, Guerra-rede, in Diário de Notícias, Lisboa, edição de 26/11/2003, acessível em <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=9&ida=54>, consultado em 19/03/2008.

¹¹⁷ De Arístegui, Gustavo, La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pág.80.

¹¹⁸ Félix, Carla Sofia, *op. cit.*, pág. 160.

¹¹⁹ Tomé, Luís Leitão, *op. cit.*, pp.177-186.

¹²⁰ Para mais informação, Cfr. Reuter, Christoph, A Minha Vida é uma Arma – uma história moderna dos bombistas suicidas, Lisboa, 1ª edição, Antígona, Outubro de 2005.

¹²¹ Tomé, Luís Leitão, *op. cit.*, pp.177-186.

¹²² Leal, Luís Sousa, Terrorismo, in Jornal de Defesa e Relações Internacionais, edição on-line de 15/01/2007, acessível em http://www.jornaldefesa.com.pt/opiniao_v.asp?id=388.

¹²³ Idem, *ibidem*.

¹²⁴ Idem, *ibidem*.

¹²⁵ Consultor de contra-terrorismo e relações internacionais. Membro da *Foundation for the Defense of Democracies* e fundador do jornal electrónico *O Croissant* (www.thecroissant.com).

¹²⁶ Cfr. Guitta, Olivier, Europe Under Al Qaeda's Triple Threat, acessível on-line em <http://counterterrorismblog.org/mt/pings.cgi/4978>, e Guitta, Olivier, Europe Alert to Triple Terror Threat, acessível em http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/JC06Ak01.html, consultados em 12/03/2008.

¹²⁷ Varela, Carlos, Terrorismo deve preocupar o nosso país, in Jornal de Notícias, Porto, edição de 11/03/2008, acessível em http://jn.sapo.pt/2008/03/11/nacional/terrorismo_deve_preocupar_o_nosso_pa.html, consultado em 12/03/2008.

¹²⁸ Sinclair, Andrew, in “Anatomia do Terror” – uma história do terrorismo, Lisboa, Temas e Debates, Fevereiro de 2005.